



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE

NÚBIA PAULO E SILVA

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NO ENSINO SUPERIOR

BRASÍLIA - DF

2017



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA- UNB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO- FE

NÚBIA PAULO E SILVA

A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB

A apresentação deste trabalho é um recurso formal para obtenção do Título de Graduada no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília-UnB.

BRASÍLIA - DF

2017

SILVA, Núbia Paulo.

A Influência do Capital Cultural no Ensino Superior: A Influência do Capital Cultural no curso de Pedagogia da UnB/ Núbia Paulo e Silva, 2017.74p.

Orientador: Dr.José Luiz Villar de Mella

Monografia de graduação do Curso de Pedagogia da Universidade de Brasília
UnB, -UnB / Brasília - DF.

NÚBIA PAULO E SILVA

**A INFLUÊNCIA DO CAPITAL CULTURAL NO ENSINO SUPERIOR: A INFLUÊNCIA DO
CAPITAL CULTURAL NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNB**

Este trabalho de Conclusão de Curso é um requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, o qual, foi submetido à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação - FE da Universidade de Brasília - UnB

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. José Luiz Villar de Mella - Orientador
Universidade de Brasília -UnB

Profª Drª Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas - Examinadora
Universidade de Brasília - UnB

Profª Drª Liliane Campos Machado - Examinadora
Universidade de Brasília - UnB

Dedico este trabalho a Deus pelo esforço e labuta de cada dia. A minha família, aos professores que participaram de todo o meu percurso escolar, os de ontem e os de hoje e todos aqueles que contribuíram para que este título fosse conquistado.

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Deus!

Obrigada a Universidade de Brasília, pela conquista! A todos os alunos que compartilharam comigo a vida acadêmica e também pelas suas contribuições com o meu trabalho e a todos da instituição que direta ou indiretamente tiveram parte nessa conquista!

Agradeço ao CEBRASPE, pelo Oportunidade de Trabalho e Aprendizado!

A CAPES pela participação no PIBID (Programa de Bolsa de Iniciação à Docência)!

Ao Curso de Estatística, de Psicologia, de Ciência da Computação, ao Curso de Direito e Faculdade de Educação pela conquista de hoje!

A todos os professores da Universidade que fizeram parte da minha vida acadêmica direta ou indiretamente! Em especial ao professor Carlos Lopes que me apresentou a disciplina Sociologia da Educação. As professoras Maria Emília e a professora Solange Alves por me proporcionarem a oportunidade de participar do PIBID. A professora Liliane Machado meu incomensurável agradecimento e gratidão, a professora Otília Dantas pelo início da produção deste trabalho e por tantos Divinos motivos. Ao professor José Villar o meu também prezar especialíssimo por proporcionar estas e tantas outras conquistas no decorrer da conclusão deste trabalho e por não ter desistido de acreditar que conseguiríamos a sua conclusão e um novo recomeço.

Agradeço ainda a minha família e a sociedade pela oportunidade conquistada, por me sentir filha e cidadã, responsável diante do amor e do papel disseminador do bem a todos que encontrar!

A nova geração familiar, sobrinhos e sobrinhas com os quais ensino e aprendo a cada dia!.

Aos meus irmãos, por compartilharem comigo a vida, pelo companheirismo e amizade.

Às minhas queridas irmãs pelo amor, força, paciência, amizade e admiração!

Agradeço a minha família pelo amor, cuidado, carinho, esperança e fé depositados em mim!

Aos meus pais, pelos valores transmitidos a minha educação familiar, pela vida difícil, mas de muita esperança e luta.

“O que sabes, não tens necessidade de aprender; o que não sabes, não podes aprendê-lo, já que não sabes o que é preciso aprender”. A Reprodução (PIERRE BOURDIEU, PASSERON, 1970 apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014)

“As universidades são ‘produtos residuais da vida de seus povos’, só podendo ser compreendidas quando analisadas no contexto histórico e cultural de cada sociedade”. Darcy Ribeiro (1975, p.45 apud COSTA; NOGUEIRA, 2015)

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso, teve início ao observar o Ambiente Escolar e o Universitário, ao notar as diferenças tanto na vivência de aprendiz quanto no percurso de observadora e partícipe da ação de ensinar. As diversas realidades de cada aluno numa mesma sala de aula e também pela participação e a vivência discente, no Campus Universitário, no dia a dia e no esforço para realização da conquista do título de Licenciada na UnB (Universidade de Brasília). Este estudo também contempla a aquisição de informações envolvendo sete alunos do curso de Pedagogia da UnB, visa observar as características culturais desses alunos, aspectos materiais e simbólicos que lhes são agregados, como: os lugares culturais que mais frequentam, o acesso a bens culturais, hábitos de leitura, acesso a cursos de línguas estrangeiras e demais aspectos culturais que lhes constituem. Também aspectos familiares como o nível de escolaridade de seus pais, a renda familiar e também a percepção em relação ao Curso e a Universidade, já que o aluno tem um relacionamento amplo com ela. Tenta perceber, quais as pretensões dos alunos depois de formados. Diante desse olhar, surgiram os seguintes questionamentos: será que os alunos da Pedagogia são alunos favorecidos culturalmente? Quais são os hábitos culturais desses alunos? A Universidade é diferente diante das Academias? A escolha do curso se deu por afinidade ou por outras motivações? Também leva em consideração uma pesquisa bibliográfica sobre o assunto, tendo como norte a Teoria da Reprodução de Pierre Bourdieu, seis desses alunos são recém-formados. Ressalta-se que este estudo baseou-se muito pouco em obras originais, devido a complexidade do tema em questão. Desse modo, a formação dos indivíduos contempla diversos expoentes, repercutidores no ambiente interior da Escola/Universidade, aliá-la a fatores dotados de especiais saberes não levaram a satisfação dos questionamentos que surgiram. O capital cultural surgiu como mais um aliado, mais um fator, um motivador para repensar a reprodução social e promover, lutar, para a equalização das diferenças.

Palavras-chave: Capital Cultural, Dons, Escola, Universidade.

RÉSUMÉ

Cette réalisation de travaux de cours, a commencé à observer le milieu scolaire et l'Université, en notant les différences à la fois l'expérience d'apprentissage à titre d'observateur dans le cours et participant de l'action pédagogique. Les différentes réalités de chaque élève dans la même classe et aussi la participation et de l'expérience des étudiants sur le campus universitaire, le jour et l'effort pour mener à bien le degré de titre Succès à l'UNB (Université de Brasilia). Cette étude comprend également l'acquisition d'informations impliquant sept étudiants de la Faculté d'éducation de l'UNB, vise à observer les caractéristiques culturelles de ces aspects symboliques auxquels ils sont ajoutés les étudiants, le matériel et, tels que: lieux culturels plus fréquents, l'accès aux biens culturels, habitudes de lecture, l'accès à des cours de langues étrangères et d'autres aspects culturels qui les constituent. Aussi aspects familiaux tels que le niveau d'éducation de leurs parents, le revenu familial et aussi la perception du cours et de l'Université, que l'étudiant a une vaste relation avec elle. Essayez de comprendre ce que les revendications des étudiants après l'obtention du diplôme. Face à ce regard, a émergé les questions suivantes: Est-ce que les étudiants de la pédagogie sont favorisés culturellement étudiants? Quelles sont les habitudes culturelles de ces étudiants? L'Université est différente sur les académies? Le choix des cours est donné par affinité ou d'autres motivations? Il prend également en considération une recherche documentaire sur le sujet, avec le nord de la théorie de la lecture Pierre Bourdieu, six de ces étudiants sont diplômés. Il est à noter que cette étude a été basée sur très peu de travaux originaux, en raison de la complexité de la question à portée de main. Ainsi, la formation des individus comprend plusieurs exposants, repercutidos environnement au sein de l'Ecole / Université, aliyah à des facteurs dont la connaissance spéciale n'a pas conduit à la satisfaction des questions qui se posent. Le capital culturel a émergé comme un autre allié, un autre facteur, un facteur de motivation pour repenser la reproduction sociale et de promouvoir, combattre, pour égaliser les différences.

Mots-clés: Capital culturel, Dons, école, université.

SUMMARY

This work of Conclusion of Course, began when observing the School Environment and the University, when noting the differences both in the experience of apprentice as in the course of observer and participant of the action of teaching. The different realities of each student in the same classroom and also for the participation and the student experience, in the University Campus, in the day to day and in the effort to achieve the title of Graduated in UnB (University of Brasilia). This study also contemplates the acquisition of information involving seven students of the Pedagogy course of UnB, aims to observe the cultural characteristics of these students, material and symbolic aspects that are added to them, such as: cultural places that frequent, access to cultural goods, Reading habits, access to foreign language courses and other cultural aspects that constitute them. Also familiar aspects such as the level of education of their parents, the family income and also the perception in relation to the Course and the University, since the student has a broad relationship with her. Try to realize, what the pretensions of students after graduating. Faced with this look, the following questions arose: are Pedagogy students being culturally favored students? What are the cultural habits of these students? Is the University different from the Academies? Was the choice of course due to affinity or other motivations? Also takes into consideration a bibliographical research on the subject, having as Pierre Bourdieu's Theory of Reproduction, six of these students are newly graduated. It should be emphasized that this study was based very little on original works, due to the complexity of the subject in question. In this way, the formation of the individuals contemplates diverse exponents, repercussions in the interior environment of the School / University, allying it to factors endowed with special knowledge did not take the satisfaction of the questions that arose. Cultural capital emerged as another ally, another factor, a motivator for rethinking social reproduction and promoting, fighting, for the equalization of differences.

Key words: Cultural Capital, Gifts, School, University.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| APRESENTAÇÃO..... | 15 |
| PARTE I- MEMORIAL..... | 16 |
| PARTE II-MONOGRAFIA | |
| 1-INTRODUÇÃO..... | 22 |
| 2-CAPÍTULOS | |
| 2.1-CAPÍTULO 1- A Herança Familiar e Social | 27 |
| 2.2-CAPÍTULO 2 -As Formas de Ingressar no Ensino Superior e Seus Resultados..... | 37 |
| 2.3-CAPÍTULO 3 - A Universidade Democrática e Elitista..... | 41 |
| 2.4-CAPÍTULO 4 - As Classes Populares e a Universidade..... | 47 |
| 2.5-CAPÍTULO 5 - A Questão dos dons na Perspectiva de Bourdieu..... | 50 |
| 2.6-CAPÍTULO 6- A Análise dos Dados Socioeconômicos do ENADE sobre os Estudantes de Pedagogia da UnB. | 54 |
| 2.7-CAPÍTULO 7 - Possíveis Características a serem observadas/observadas nos Estudantes de Pedagogia da UnB..... | 57 |
| 3-CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 60 |
| PARTE III- PERSPECTIVAS FUTURAS..... | 61 |
| APÊNDICE A..... | 63 |
| REFERÊNCIAS BLIOGRÁFICAS..... | 70 |

APRESENTAÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) contempla três blocos, o primeiro diz respeito ao memorial, a segunda parte contempla os estudos teóricos e a última parte contempla as perspectivas futuras, com as quais, este trabalho é finalizado.

O Memorial narra a minha vida estudantil até a chegada da conquista do título de Pedagoga, título aferido pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília; mostra o convívio escolar, o/não acesso a materiais pedagógicos na infância e a vida familiar no aspecto co-participativo com a escola.

O Segundo bloco contempla o contexto teórico que motivou a tecitura deste trabalho, as ideias desenvolvidas durante o curso de Licenciatura em Pedagogia; no caminhar pela experiência proporcionada durante o curso, pela participação no PIBID (Programa de Bolsa de Iniciação à Docência) e também por ter sido aluna da Rede Pública de Ensino durante toda Educação Básica com muita satisfação de voltar as mesmas Escolas que proporcionaram os Títulos Básicos de Ensino, como observadora, ativa e aprendente.

Ao final, apresento as Perspectivas Futuras, narro o que foi adquirido na vida Acadêmica, experiências, habilidades e questionamentos, com os quais pretendo e espero contribuir com e para a Sociedade e também no colher bons frutos.

PARTE I-MEMORIAL

O conhecimento sempre foi para mim algo precioso e já na infância nasceu em mim o desejo de cursar uma faculdade. Comecei estudar aos 6 anos de idade, quase 7, cursei a última etapa do Ensino Infantil. Lembro-me da sala de aula, tinham muitos alunos, a sala era grande. Na hora do recreio nos divertíamos numa área verde que fazia parte do ambiente da Escola, brincávamos muito naquele espaço. Tive contato com alguns materiais pedagógicos somente na Escola. Lembro-me muito de um quebra-cabeça que eu tentava montar.

Neste mesmo tempo, brincava com as minhas coleguinhas de fazer roupas para as bonecas que levava para a escola, presenciava minha mãe costurar à máquina e pegava pequenos pedaços de panos para levar para a Escola para fazermos roupas para as bonecas.

Atualmente, sou artesã, desde a infância tive contato com materiais para artesanato, aprendi na prática a arte, não costumo fazer cursos, acredito que meu envolvimento na infância, na minha adolescência e na vida adulta, possibilitou-me ser artesã; percebi na minha prática no PIBID e os Estágios que participei durante o Curso de Pedagogia que ser artesã me ajudou e irá me ajudar muito mais, na minha prática profissional como Pedagoga.

A minha mãe foi a pessoa que mais participou da minha vida estudantil na infância, meu pai esteve sempre ausente, a participação também aconteceu na minha alfabetização, ajudando a conhecer o alfabeto antes da Escola, a escrita do meu nome, no conhecimento das sílabas, palavras e pequenos textos, ela tinha experiência em alfabetizar crianças no Nordeste, lecionou lá, mesmo não tendo formação para dar aulas. Participou da alfabetização dos filhos, mas, as primeiras palavras coube a ela.

Ela trabalhou pouco tempo como alfabetizadora, não formou um capital social, cultural e econômico suficiente para suprir as necessidades da família, pois não tinha formação nenhuma e nunca frequentou escola, nem meu pai. Mas existia um capital simbólico, mesmo tímido, mas suficiente para incentivar os filhos a estudar. Os anos

foram passando e cresci assídua à Escola.

Não houveram acontecimentos significativos neste período. Vivi uma situação familiar de pouco incentivo aos estudos, apesar da importância já sabida pela minha mãe, pois meu pai era totalmente contrário ao incentivo aos estudos. Neste contexto familiar, nunca vi meu pai lendo jornais, nem minha mãe; somente assistíamos telejornais.

Na vida adulta tal qual na infância, presencio minha mãe ler os livros da Igreja e a Bíblia, fora deste contexto, nenhuma leitura. Tenho uma estante de livros em casa que consulto, leio e empresto aos familiares. Gosto muito de livros, apostilas, enciclopédias, mapas, lousas etc. Preparei um quarto para meus estudos e da família e organizo o quarto de forma que tenha todos os meios materiais para os nossos estudos. Estou sempre apta a auxiliar todos em suas tarefas. Há um ambiente material muito bom, mas não é uma Biblioteca, então, por não ser uma Biblioteca, tem todas as interferências possíveis que se possa imaginar. Não tenho o hábito de ir a Bibliotecas, o período escolar da minha Educação Básica existiam menos Bibliotecas que atualmente, não que isso seja um fator determinante do pouco hábito em frequentar Bibliotecas, mas facilitou a pouca procura por tal ambiente.

Ainda na infância, eu e minha irmã repetíamos ações acontecidas na Escola que nos davam muito prazer e felicidade, riscávamos o guarda-roupa da minha mãe com giz trazidos da Escola, brincávamos de “escolinha”. Minha irmã repetia a aula inteira!

Não frequentávamos nenhum ambiente cultural diferenciado da Escola, meus pais não nos levavam a nenhum outro ambiente além da Igreja, somente minha mãe viajava comigo e com minha irmã caçula na infância para a casa da minha avó no Nordeste. Dessa forma, a pouca convivência com o meu pai acontecia em alguns momentos do dia ou quando ele tinha folga do trabalho como ajudante de pedreiro. Na minha infância minha mãe participou mais da minha escolarização do que nos outros períodos da minha vida escolar, especificamente na Educação Infantil e nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Desde então, minha família não possuía uma herança cultural significativa, pois não tive contatos com línguas estrangeiras, teatro, danças e músicas, mas participei de práticas desportivas na escola, vivi a Organização Estudantil na Escola, mas sempre muito tímida, não participava. Fora do contexto escolar, na pré-

adolescência viajava com minha mãe não mais para a casa da minha avó. Neste período, íamos sempre para clubes e fazendas no Estado de Goiás, em companhia também de meus irmãos que já estavam adultos. Alegrava-me também em circos e parques de diversões instalados próximos a minha casa. Sempre muito presente à escola não tive problemas significativos que me impossibilitasse de ir às aulas, a vida escolar transcorreu sem muitos acontecimentos relevantes.

Fiz o Ensino Fundamental, as Séries Iniciais com destaque, as Séries Finais terminei com notas regulares, mas com muita seriedade e responsabilidade. Desse modo, já nos primeiros anos do Ensino Fundamental o conhecimento instigava-me, deixava-me curiosa e motivava-me aprender. Tive professores consciente que nos davam uma verdadeira lição de vida e com eles tive mais certeza do que desejava; dessa forma, fazia contas que em determinado ano estaria na Universidade. Refletia! Tinha construído um sonho. Meus professores também foram meus grandes influenciadores e por fazerem parte do meu não esquecimento da Escola, do ensino e do conhecimento.

Ao cursar o Ensino Médio, fazia reflexões e começava aproximar a hora de escolher o curso que decidiria cursar, a profissão que iria exercer. Ao terminar o Ensino Médio não me senti preparada para habilitar-me ao Vestibular da UnB. Resolvi participar da seleção um ano depois do término do Ensino Médio, não me sentia preparada, percebi quantas faltas existiam na minha formação.

Comecei e terminei o Ensino Médio e já morava na Candangolândia. No terceiro ano do Ensino Médio fui trabalhar em um hipermercado, voltava muito tarde do trabalho para casa, minha irmã havia montado uma loja e precisava de funcionário, saí do meu trabalho no hipermercado e fui ajudá-la na loja, pois ela mantinha a casa e precisa de alguém para ajudá-la. Desde muito cedo, pelas necessidades econômicas familiares, existia uma pressa para a conquista de trabalho, devia ser uma conquista imediata. Nesta época, trabalhava e estudava para o Vestibular da Universidade de Brasília, fiz curso Pré-Vestibular, prestei alguns Vestibulares na UnB, meu sonho foi sendo adiado por diversas tentativas frustradas, mas queria muito passar na UnB e não tinha condições de cursar uma Faculdade Particular, além de caras, não sentia-me atraída pelo ensino das outras Faculdades, queria muito ser aluna da UnB, a vontade de fazer

parte da Instituição na verdade, era pela qualidade do ensino que a instituição proporcionava, nem pensava num bom salário, seria a conquista do conhecimento. O primeiro Vestibular que fiz foi para o curso de Biologia, sempre gostei de saber e entender a vida das plantas e animais etc, fui influenciada por uma das minhas irmãs que cursava o Ensino Médio e gostava de Biologia e me explicava as novidades das Ciências Biológicas, fui criando gosto e achando que queria ser Bióloga. Não passei no Vestibular para Biologia, fiz algumas vezes, desisti de Biologia, fui me aventurando no Vestibular para outros cursos, depois já um pouco experiente na prova e na seleção, comecei olhar o escore dos cursos, então, já quase desistindo mas, com o grande desejo de chegar a UnB fiz o Vestibular para Educação Artística, me escrevi na prova de habilidade específica e coloquei como segunda opção Estatística, não passei na prova de habilidade específica para Educação Artística, mas passei para o curso de Estatística. Agora, estava um passo para realizar o meu grande desejo de estar no lugar que tanto havia sonhado, era um sonho e acordei dentro da sala de aula que queria estar, tudo era maravilhoso, tive dificuldades e não concluí o curso, apesar de gostar de Matemática, ter muita vontade de aprender, mas assumi ter muitas dificuldades. Desisti do curso!

O desejo de estudar se renovou quando minha sobrinha falou da Escola Técnica de Brasília, uma Escola Técnica que oferecia cursos Técnicos, quando soube dos cursos me interessei muito pelo curso Técnico em Informática, não possuir conhecimento em tecnologias e acesso a Informática foi uma das grandes dificuldades que senti no curso de Estatística, porque o curso trabalha muito com softwares e os conhecimentos em tecnologias e dificuldades em Matemática, me fizeram falta.

Se aproximou o processo seletivo da Escola Técnica, fiz e fui aprovada, terminei o curso. Venci! Hoje sou apaixonada por tecnologias! As tenho como utensílio para meus estudos, sei muito bem aproveitá-las.

Após o término do curso Técnico em Informática, voltou-me o desejo de retornar a Universidade, abri um processo de Reintegração ao Curso de Estatística, consegui ser reintegrada, mas novamente não consegui permanecer no curso. Tentei mudar o curso na UnB, mas não consegui! Neste período, já florescia o desejo de cursar Pedagogia. Pois o curso contempla diversos saberes e sempre instiga a atualizações e

a busca de novos conhecimentos e novas formas de ensino e aprendizagem. Por ser também uma área do conhecimento com muitas ofertas de trabalho.

Em 2011, falei a minha irmã caçula que ia fazer o Vestibular da UnB. Pensei que não ia passar no Vestibular, pois não estudava há muito tempo matérias importantes como: física, química entre outras, pois, quando passei no primeiro Vestibular elas tinham muita significância para aprovação no curso de Estatística. Dessa forma, internalizei o primeiro processo de seleção e achei que seria parecido, não tinha noção como seria este novo Vestibular. Escrevi-me no Vestibular para Pedagogia. Para surpresa minha e dela o resultado foi diferente! Consegui novamente ser aprovada no Vestibular, achei mais fácil. Estava preparada, pois nunca esqueci os livros e tinha objetivos. Ia cursar Pedagogia.

Ser aluna da UnB, no primeiro curso e ser aluna da Pedagogia atualmente, foi uma grande oportunidade para minha formação, de família tradicional, de uma base de educacional tradicionalista, fruto de anos de estudo nos ensinos fundamental e médio. Vivi um período diferente da educação atual, os alunos hoje são mais estimulados a impor suas ideias, a expressar seus pensamentos e ter o professor como um parceiro em busca do conhecimento. Minha educação se estabeleceu mais no ouvir, motivada também pelo período que passei na Escola, na família e também ao período brasileiro que nasci, antes da redemocratização do país. A minha família me achava muito interessada nos estudos, sempre me apoiando, apesar das dificuldades do dia-a-dia vividos, fui então, acolhida pelos 14 irmãos que não tiveram oportunidades de estudar e nunca chegaram a Universidade Pública. Vivi também um pouco na infância/adolescência a Ditadura Militar, depois o processo de Redemocratização do País. De uma personalidade introspectiva, ouvi mais do que falei, o estímulo ao confronto de ideias, tornou-se pouco significativo.

Atualmente, tenho ciência de quanto é importante o sujeito ser parte do seu aprendizado como sujeito atuante. Por isso, conscientemente, não farei dos meus alunos meros recebedores de informações, presarei pelo Ensino que leve ao questionamento e confronto de ideias, estabelecendo uma relação de sujeitos detentores também do poder do conhecimento. Pois apesar da minha educação e com a minha formação atual, tenho base em bons princípios, mas consciente das

necessidades futuras dos alunos e da Sociedade no qual estou inserida.

Durante o curso de Pedagogia tive a oportunidade de experimentar o gosto, o sabor do curso, percebi que é um curso que envolve muitas disciplinas, valorizo o curso pela importância e a beleza que o curso tem e pela necessidade que instiga sempre aprender e pelo fato de possibilitar-me ajudar muito a sociedade. Acrescentou muito a minha vida, o compartilhar, o aprender, o ensinar e muito mais. Tornei-me mais confiante, menos egoísta e apta ao exercício profissional.

O curso ainda, fez-me reconhecer o quanto posso que posso contribuir com o outro, crescer, renascer, posso me sentir importante e que o aprendizado é um processo dialético que acometem tanto quem aprende quanto quem ensina. A trajetória vivida serviu de motivação para a conquista do título de Pedagoga.

1-INTRODUÇÃO

A Influência do Capital Cultural no Ensino Superior. A Influência do Capital Cultural no Curso de Pedagogia da UnB. O capital cultural influencia na vida acadêmica dos alunos, na escolha dos cursos, nos status discentes, das disciplinas e dos currículos?

A sociedade caminha influenciada pelo perfil econômico/político e cultural de sua época, modela os sujeitos; tornando-os influenciados e influenciadores a partir de suas realidades e das motivações que encontram na trajetória de suas vidas, como menciona Max Weber na sua obra (Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo apud Vêras 2014, p. 4185).

Os valores, as ideias e opiniões mudam, se reconstruem, nascem, se perdem; se reformulam, apesar da evolução do conhecimento, e de todos os meios que caminham e fazem parte dele, as Universidades Públicas Brasileiras ainda mantêm dentro de seu espaço, uma maior parcela de discentes; alunos que levaram vantagem de chegar a ela. Mas, nas Universidades há também diversos aspectos que diferenciam os alunos, os cursos, as disciplinas, os currículos. Acometendo vários eixos, os quais, os diferenciam no campo econômico, social, político, cultural e simbólico. Neste contexto existe um “olhar” superficial, predomínio de um inconsciente, aos olhos sociais, muitas vezes disfarçados, implícitos, as coisas não são como aparentam ser, estão muitas vezes velados, imperceptíveis a olhos nus. Na sociedade há uma demanda por profissionais de determinadas áreas e profissões, o que se observa mais fixamente é que as escolhas acontecem fora do consciente real, elas são na maioria das vezes motivadas pelo capital econômico-social, político, cultural e simbólico dos estudantes que vão muito além do que é mostrado, do que é exposto. A cultura e o capital cultural são os fatores primordiais de influência e pouco citados nos estudos que envolvem o contexto escolar dos alunos, Bourdieu (2002; citado por AQUINO, 2014; REGO, 2014), em seus estudos aliados aos contextos de favorecimento e desfavorecimento que existem aqueles que podem escolher seus cursos, suas profissões e a grande maioria não têm o luxo das escolhas de suas profissões e de seu trabalho.

As Universidades Públicas Brasileiras também não têm inseridos seus alunos num espaço de oportunidades iguais para todos, ainda é elitista. A Universidade ainda legitima, diferenças econômico-sociais, políticas, culturais e simbólicas, os quais, vão de encontro ao princípio democrático das Universidades Públicas que não oportuniza igualmente todos que chegam a ela. Apesar de existirem esforços, os recursos são escassos reafirmando que a segregação é econômica, mas é também cultural, porque há uma dependência e uma relação direta, são elementos entendedores e compreensíveis e defendidos pelo pensamento de Pierre Bourdieu, citado por (2002; AQUINO, 2014; REGO, 2014), que para valorizar e sentir necessidade de conquistar e buscar conhecimentos é necessário possuir capital cultural e por outro lado é preciso que se tenha capital econômico para que se possa pleitear, buscar, capital cultural. Dessa forma, é na classe popular que as dificuldades são maiores, pois as discrepâncias estão na formação anterior a Universidade e mesmo ainda no espaço das Universidades, as possibilidades e conhecimentos não dão conta de modificar a realidade da classe popular; percebendo a problemática na Universidade que os alunos do Ensino Fundamental e Médio tiveram em suas trajetórias.

Os alunos universitários da classe popular são aqueles que mais têm seus cursos interrompidos, desistências e dificuldades para a conquista dos seus diplomas universitários, primeiro porque são os que possuem menor capital cultural, são também os que têm menos tempo para os estudos, precisam trabalhar para suprir necessidades econômicas, precisam aliar e articular estudos e trabalho (Alves, 2013).

São alunos que trabalham mais horas do dia e fora da Universidade em comparação aos alunos da elite, que além destes trabalharem menos horas e de se ocuparem de atividades dentro da própria Universidade por menos horas, levam vantagens em relação aos estudantes de baixo capital econômico e cultural, os cursos são escolhidos de acordo com as possibilidades da classe popular, que não terão meios de permanecer num curso mais demorado, há necessidade e pressa para a conquista de vagas no mercado de trabalho, para suprir suas necessidades econômicas, para melhorar suas funções ocupadas no trabalho quando as têm e/ou salários, e ainda inconscientemente ou consciente há uma exclusão dos cursos mais elitizados, pois não teriam condições de acesso e de permanência (MENDONÇA,

2010).

A classe popular da Universidade participa menos de atividades extracurriculares, são alunos que precisam mais de acesso a saúde, enfrentam problemas de transporte à Universidade e requerem mais da Universidade auxílios para permanência como: auxílio alimentação, moradia e bolsas permanências etc, demandam mais esforço para superações de desigualdades, tornando-se evidentes a divisão entre aqueles que já levaram vantagem e os desfavorecidos (REVISTA PUC-RIO) Caso a superação seja conquistada poderão vislumbrar um Mestrado e/ou Doutorado para poucos, as desvantagens são reais, apresentam uma menor Carreira Universitária, ocuparão menos as vagas entre os Mestres e Doutores, numa relação muito parecida com a exclusão acontecida no ensino Fundamental e Médio daqueles que não atingiram a Universidade; a Universidade Pública, existindo a exclusão ao longo do caminho percorrido pelos estudantes brasileiros.

As Universidades ainda não conseguiram dar suporte necessários aos estudantes de baixa renda para democratizar o conhecimento a ponto dos alunos da classe popular terem uma parcela de aprovação equânime aos da elite nos maiores níveis universitários, existem exceções, mas a grande parcela fica retida na Graduação e Especializações.

Nas Universidades Públicas existem cursos onde a parcela da classe popular ocupam mais vagas e aqueles que os alunos da elite são maioria, conforme (REVISTA PUC-RIO), há uma elite dentro da própria Universidade, diferenças de capital cultural; existem aqueles que são adequados a Universidade e os que precisam introjetar o que a Universidade espera do aluno e para o aluno, o que é próprio da cultura da Universidade e o que são inconvenientes a ela, devendo-se fazer esforços para se adequarem a Universidade, incorporar-se ao jeito, ao *“hábitus”*, como definiu Bourdieu que seria algo naturalizado em nós, o que somos, nossa aparência, nossas preferências dentre outras características (AQUINO; REGO, 2014).

Tendo este eixo como norte, observa-se que as Universidades não conseguem desfazer o que a Escola fez e continua fazendo, desbancar o privilégio, democratizar o conhecimento, equalizar diferenças. Na Universidade há o privilégio de quem já foi anteriormente privilegiado, pois como revelou Bourdieu (2002; AQUINO, 2014; REGO,

2014), que ao ensinar a cultura da elite o aluno da classe popular a tem como a cultura certa, adequada devendo-se incorporar seu jeito, seu “*hábitus*”, não fazendo-se valer de suas ideias e cultura, pensada como menor, incorreta, tornando sujeito passivo, não reagente, apenas agente do seu próprio conhecimento, de sua vida. Sendo sujeito aquele que tem os meios necessários para sê-lo, por outro lado agentes, os que não possuem meios para serem sujeitos de sua vida e de sua cultura, apenas ainda são para poucos os chefes e muitos os subordinados, pois a constituição os discentes se faz por diversos expoentes que para compreendê-los mais especificamente deveriam ser observados de modo individual, mas este estudo observa o campo exterior a Universidade, o meio macrossocial que repercute no “interior da Universidade”, as classes, que são privilegiadas ou não, nos seus diversos aspectos.

Os estudos de Bourdieu (2002; AQUINO, 2014; REGO, 2014), nos revelam que a elite de elevado capital econômico-social, político, cultural e simbólico, poderão alcançar resultados aceitáveis por terem capital em reserva, já as famílias da classe popular, não terão tempo disponível para incorporar capital cultural e com isso também capital econômico já que um remete ao outro.

Conforme o pensamento de Bourdieu (2002; AQUINO, 2014; REGO, 2014) os componentes trazidos da família para Escola afetariam veemente no desempenho dos estudantes como: a renda da família, nível educacional dos pais, sua formação e a cultura da família do aluno. Comparando a formação dos alunos como a linha de montagem das fábricas onde aqueles que não se adequassem seriam descartados. Neste contexto a Universidade trabalha com ações para o acesso dos alunos de Escolas Públicas, por meio das Cotas Sociais, mais ainda assim contempla poucos alunos que devem enfrentar uma verdadeira maratona para permanecer na Universidade, receber seu título e alcançar vagas no mercado de trabalho, quando não desistem e se perdem no caminho apagando o entusiasmo de serem diplomados pelas Universidades Públicas.

Existe uma diferença também na Universidade quando se verifica a participação da família na vida universitária dos discentes da classe popular, pela própria cultura familiar que muitas vezes não vêem nos estudos uma atividade laborativa que necessita de meios para serem bem desenvolvidas, de recursos materiais necessários

e pela pressa do trabalho imediato para possibilitar ajudar a família nas despesas do lar, ou incentivo a emancipação do lar. Desse modo, os alunos da classe popular são muitas vezes pressionados a procurar trabalho para ajudar em casa, ou para se manter¹. São que mais se envolvem em trabalhos que não tem afinidades com sua futura profissão. Há muitas desistências nos cursos, pouco aproveitamento do conhecimento amplo que a Universidade oferece, comprometendo a qualidade de suas formações e distanciam-se das pós-graduações das Universidades Públicas.

Um aluno da classe popular num curso elitizado de Universidades Públicas Brasileiras e ainda pouco presente, pois sem meios necessários de sobrevivência na Universidade acaba se deslocando não para o curso que ofereça sua realização pessoal, profissional e financeira, mas sobretudo aquele que cabe em suas condições, em suas situações de vida.

Por meio destes pensamentos e de acordo com os estudos que fez Bourdieu (2002; AQUINO, 2014; REGO, 2014), leva aos estudos das diferenças culturais trazidas ao Ambiente Escolar/Universitário, fato que motivou este trabalho. Elenca, observa o grupo de alunos do Curso de Pedagogia da UnB no aspecto cultural a partir de suas preferências, suas possibilidades econômicas, políticas e simbólicas, de modo, a verificar se suas escolhas estão interligadas com suas vidas, com suas realidades, idealismos e/ou aspirações. Escolhas por afinidades com o curso, motivadas pelo acesso ao mercado de trabalho e/ou pela conquista de melhores salários, ou pelo título da Graduação que sem ele, a ascensão seria menos possível, ou a permanência de seus status.

¹ Concepções adquiridas durante a vivência juntos aos colegas de turmas no decorrer do ingresso nos cursos frequentados.

2.1-HERANÇA FAMILIAR E SOCIAL

“A obrigatoriedade escolar fez com que todas as Famílias fossem obrigadas a dividir com a Escola uma parte importante da educação de seus filhos, a Escola substituiu a Igreja na responsabilidade de educar” (CUNHA, 2002 apud SILVA, 2007). Desse modo, a Família, o Estado e a Escola seriam responsáveis pela educação dos indivíduos. A Família tornou-se uma peça chave na busca por uma boa formação, pois a Escola exigia um trabalho conjunto, já que não dava conta da educação dos discentes sozinha e precisaria de uma parceria de fundamental importância para alcançar os objetivos que o Estado exigia. Por outro viés, devia também a Escola contemporânea ser propulsora de modo a equalizar o conhecimento dos indivíduos além de promover os valores relativos a convivência social.

Os relatórios produzidos nos anos 90, mostrou a grande importância da participação e influência da Família na vida escolar dos estudantes relatos de (PLOWDEN; FORQUIM, 1995 apud CAPRARA, 2013), mostrou que é muito significativa a influência dos componentes familiares, sociais e escolares no desempenho estudantil. O relatório acima citado demonstrou que é mais importante as práticas dos pais atinentes à vida escolar dos filhos do que as condições materiais em que vivia a Família. Para (FORQUIM, 1995 apud CAPRARA, 2013), ainda relacionado ao relatório, o estudo mostrou que o alcance de bons ou maus resultados escolares estavam interligados aos quesitos familiares e sociais, aparecendo em segundo plano as dimensões pedagógicas ou próprias do funcionamento da Escola. Para (PATTO, 1997 apud CAPRARA, 2013), salientou que o relatório de (PLOWDEN; FORQUIM, 1995), estava impregnado de valores e serviu para as camadas dominantes julgar as camadas populares como inferiores no tocante aos âmbitos culturais.

A Escola é um meio de conquista de benefícios como: um bom trabalho e salários e também leva a conquistar outros mecanismos como: prestígio, respeitabilidade, legitimidade cultural, círculo de amizades, influências, alianças matrimoniais dentre outras. Para a classe popular, a Escola é também um meio de

esperanças de futuro melhor para seus pais e suas Famílias. O saber não científico, ou ainda, o senso comum, estaria voltados para a incapacidades individuais cognitivas, relacionadas à vontade dos estudantes, o comodismo, ou ainda, outros fatores de comportamento dos alunos tais como falta de determinação entre outros, mencionados também anteriormente, que seriam fatores centrais para os fracos rendimentos escolares.

Para Mezzomo (2008, p.7; apud CAPRARA, 2013) um Ambiente Familiar de aconselhamento, incitação e advertência voltados para o êxito escolar e que nessas Famílias os estudos são essenciais para um futuro promissor, as atitudes com relação à Escola são permeadas pela valorização do que é ensinado no ambiente escolar e convivendo neste meio os estudantes provenientes desses tipos de Família tem maior possibilidade de êxito.

Por isso, a partir da percepção desses tantos expoentes que compõe a Escola, os estudiosos observaram e estudaram o percurso escolar dos estudantes percebendo uma ligação importantíssima da educação que o aluno trazia da Família e seu desempenho. Nos meios intelectualizados, a Escola é tida como um meio essencial para uma vida melhor no futuro, e sob o olhar da contemporaneidade, a Escola é mais um ambiente observado e moldado a gosto do Estado, pois o Estado controla o ensino, através de seus próprios mecanismos, tais como imposição dos currículos, disciplinas etc, um meio bem familiarizado da elite cultural, pois a elite tem fora do Ambiente Escolar, acesso ao que é ensinado e valorizado pela Escola. Estudiosos ao redor do mundo, conduziram a atenção para as diferenças existentes no interior da Escola, diferenças as mais diversas. Dentro de uma sala de aula, e entre Escolas, nas Escolas das Cidades, nas Escolas Públicas, nas Privadas. Aqui no Brasil salienta-se grandes diferenças entre as Regiões Brasileiras, nas das Cidades e do Campo, dos diferentes níveis de estudo e graus do conhecimentos e nas demais circunstâncias e diversidades do ensino.

Muitas concepções de pensamento se nortearam, no percorrer do Ensino no Brasil, desde as funcionalistas, que a Escola assumiria uma função nas sociedades modernas de nivelamento do conhecimento, responsável por socializar e selecionar os indivíduos, a concepção reprodutivas a Escola ao invés de possibilitar a mobilidades

ascendente a expansão da Educação teria servido para perpetuar e promover a desigualdade social a partir da legitimação das relações sociais existentes, acabando os filhos exercerem a mesma profissão dos pais, na concepção meritocráticas o aluno é merecedor do seu desempenho, porque se preparou e por mérito se destaca dos demais, podendo ocupar os melhores postos de trabalho e melhores salários, não se consideraria a hereditariedade como meio facilitador de tal proeza; pensar na conquista do estudante brasileiro por mérito é desconsiderar as diferenças entre os estudantes brasileiros de uma classe ou da Escola, entre outras. (BOURDIEU 1998 apud AQUINO; REGO, 2014) chamaram a atenção para a realidade dos estudantes, devendo-se olhar cada aluno em particular para que o conhecimento chegue a todos, nisso as mais diferentes concepções que permeiam o Sistema de ensino Brasileiro e Mundial parece ter aprovação e opinião de muita gente intelectualizada, acredita-se que há um sincretismo em todos os seus aspectos: econômico-social, político, cultural, simbólico, psíquico entre outros no meio escolar interferindo sobremaneira no desempenho dos alunos. Estudar; olhar a Escola com perfil observador, participante de um contexto econômico-social, político, cultural e simbólico pela importância que o ambiente escolar representa, meio de absorção de contextos individuais tão diversificados dentro de um mesmo conjunto. A importância de olhar este ambiente para que possa trazer aprendizados, para repensar a Escola de hoje, que contribua com melhores resultados para a demanda da Sociedade, para sua evolução e também para os cidadãos que são partes dela.

A teoria reprodutivista, principal fonte deste estudo, se organiza em perceber que o meio em que o indivíduo está inserido, as relações sociais podem favorecer a aquisição de capital cultural necessários ao sistema de Ensino atual e os anseios do mundo de hoje e do país. O entendimento referente a teoria reprodutivista é que a Escola não reconhece as diferenças entre os alunos de uma sala de aula, de uma escola, dentre outras diferenciações, trazidas da vivência, da vida do ambiente exterior da Escola, influenciando com muita veemência do interior dela. Ao não reconhecer essas diferenças e ao tratar todos igualmente, acaba por reproduzir as facilidades ou dificuldades que os alunos já trazem de seu primeiro meio de aprendizagem que é a família. Neste sentido os incentivos proporcionados ao indivíduo, a criação e a

educação dos pais, as crenças, os valores, os pré-conceitos e tudo o que o constituiu pode ajudá-lo a tornar uma pessoa mais apta as necessidades da sociedade atual e mais próxima à cultura das elites, da cultura ensinada e valorizada pela Escola, se todos esses meios forem ao encontro do que a cultura escolar acredita, valoriza e ensina estes assim podem se destacar.

São percebidas escolhas e influências culturais desde o nascimento, de mecanismos culturais e simbólicos antes mesmo da criança nascer, simbolismos que marcam e interferem muito na vida das pessoas, são representações abstratas que geram ações concretas e influentes no nosso modo de agir e pensar o mundo, como: a cor da roupa dos bebês meninos e meninas. As profissões para as mulheres e para os homens etc, pensamentos introjetados de que os meninos sabem mais matemática e as meninas mais português, o que cientificamente não se fundamenta, pois não se constituiu opinião consensual entre a maioria dos estudos atuais. Todos estes componentes se referem a cultura, sendo outros simbolismos e representações similares que se adquire na vivência com a família, ou no meio social que constitui o nosso ser, tão naturalmente que não se separam mais de nós. Essas realidades fazem diferenciais na vida das pessoas, repercutindo positivamente ou negativamente na Escola, porque tornam-se parte do indivíduo; naturais, constroem-se valores e representações simbólicas tida com certas, difíceis de serem mudadas, um exemplo seria pensar como a cultura influencia fortemente nas ações das pessoas, na culinária dos diversos povos ao redor do mundo, comer ou não carne bovina, canina e demais representações culturais da humanidade no mundo se diferencia. Ao referir-se a Escola, o Ambiente Escolar tão plural quanto diverso, os alunos chegam com todo seu aparato cultural e que de certa forma influencia no seu desempenho, uma das ações da Escola é a de agrupar os alunos que obtêm melhores notas em turmas reagrupadas com intuito de facilitar o trabalho escolar e obter melhor aproveitamento dos bons alunos, mas que acabam negativamente a oportunidade dos alunos mais fracos repensar suas limitações e agir de forma que acompanhe os demais e os que obtiveram maiores notas de modo a auxiliarem os demais, dando ideia de segregação e da predestinação a que os alunos estão sujeitos. A escola, dentro deste contexto estaria reproduzindo os privilégios e não contribuindo para equalizar diferenças. A concepção

que existe no interior da escola ainda é que existem aqueles que levam jeito para tal profissão ou atividade laboral e os filhos da classe popular que não têm o tipo, o jeito que a profissão ou o postos de trabalho que espera a elite escolarizada, os que têm dom para tal ofício e os que não têm, que são menos inteligentes, pensamentos revelados por outros fatores, comumente implícitos, mas de grande importância para pensar a escola como um espaço de diferenças que não coadunam com as injustiças sociais.

BOURDIEU, 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), nos diz que tudo que nos constitui, que é parte de nós, que nos formou, e o que apresentamos ao mundo, o que carregamos nas nossas preferências e nos nossos gostos etc, tem um grande peso na nossa vida e de todas as pessoas, em nosso mundo e para o mundo, pois não herdamos apenas os genes da nossa linhagem genética e características fenotípicas, além de todas essas herdamos também mitos, tabus, gostos, preferências, valores e tudo aquilo que nos constitui indo de geração em geração e que carregamos para dentro da Escola/Universidade. O que somos é produto de diversas influências que nos constituiu, o ***hábitus***, que Bourdieu definiu como aquilo que está no nosso modo de pensar e na nossa aparência.

O sociólogo Bourdieu, nos alertou que estas heranças culturais são a nossa maior herança, a que tem maior peso, constituídas como uma forma de capital cultural, o capital incorporado, seria a maior parte dele e mais representativa, o que influiria na Escola, como o nosso maior legado, sendo que cada classe teria seu capital próprio, a Escola aprovaria ou não este capital caso fosse valorizado e próximo do capital da elite. Ele, mencionou o “***hábitus***” como características que mostraria a constituição do agente, sendo essa constituição, “a história incorporada inscrita no cérebro e no corpo” (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), a família teria a maior parcela de contribuição nessa história incorporada, pois as crianças chegam as Escolas para serem alfabetizadas com muita influência da cultura familiar e menor potencial nesta fase das influências da comunidade e do ambiente social em que estão inseridas, sendo que as crianças da classe popular já chegaria a escola “com déficits de mecanismos que facilitassem a sua vida escolar e as da elite estariam mais familiarizadas com a cultura da classe dominante” (BOURDIEU 1998, apud AQUINO;

REGO, 2014), pois estavam mais próximas do que era ensinado na escola. As crianças da classe popular estariam mais propensas a se perderem no caminho não porque são menos inteligentes que as da elite, mas a grande parte dessas crianças seriam as de famílias na maioria das vezes não apresentariam a escola como prioridade, aquelas que em sua maioria não teriam construído o valor simbólico e real da Escola, dos estudos; neste pensamento (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), nos lembra que as famílias não teriam o capital cultural da escola, para as necessidades da escola, que fizesse que as crianças se desenvolvessem e atingissem o patamar das crianças da elite. Um grande exemplo que Bourdieu nos deu foi a familiaridade com a linguagem que as crianças apresentam quando chegam a escola. As da elite cultural já são familiarizadas, as da classe popular a tem como algo diferente do seu convívio, de certa forma, estranha.

Os estudos de Jung, citado por (VIEIRA, 2006) também, reforça o pensamento de Bourdieu (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), as nossas crenças atuais, nossas ideias e influências percorrem gerações e que, para Bourdieu (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), isso passa tão imperceptível que nem notamos, Bourdieu definiu como ***hábitus***, as atitudes que temos, o nosso comportamento diante das situações que vivemos, são passadas de forma tão natural e instantaneamente que não percebemos a herança que carregamos nas nossas ações, pensamentos e demais formas de ação até mesmo nas mais simples, aquelas do dia a dia.

A maior parcela das crianças da classe popular seriam de famílias pouca/nenhuma participação na escolarização dos filhos. Dentre as de pouca/nenhuma participação estariam aquelas que padeciam de menos recursos econômicos, assistência a saúde, moradia, viviam em lugares mais propensos a violência, marginalização, uso e abusos de drogas, álcool. Sendo esses fatores não determinariam o fracasso das crianças mas dificultariam, atrapalhariam, diante de uma Escola negligenciadora, seria difícil ou impossível a promoção de mudanças, velaria o poder da escola, quando esta não tivesse o mecanismo dentro de seu espaço de revelar, desvelar e denunciar tais problemas.

Existem também alguns fatores apontados que contribuem para o sucesso ou do

fracasso escolar que são: a organização do sistema educacional, o funcionamento das Escolas, a prática docente na sala de aula e a disposição do aluno para o aprendizado, lembra-se que esta já encontra-se fortemente influenciada pela capital cultural, pois a disposição do aluno reúne diversos fatores, atingindo um meio global de reflexão e esses fatores seriam componentes encontrados dentro do ambiente escolar, sendo que este estudo tem como foco o ambiente fora do espaço interno da escola que repercutiria com grande peso dentro dela.

Dessa forma, a representação da Escola estariam fora de promover; melhorar a vida e proporcionar ascensão social e econômica das crianças e de suas famílias, quando as crianças e famílias encontrassem esperança e futuro, estavam envolvidas em Escolas acolhedoras e promotoras de mudanças, via-se aí expectativas e melhoras, a Escola estaria dessa forma, cumprindo seu papel, do contrário, se não revertesse tais situações estaria contribuindo para a reprodução e assim exclusão dos que não seriam feitos para ela. E é o que mais fazem as escolas. Estudos mostram também que professores que tiveram um processo de formação precarizado teriam mais dificuldades em perceber essas diferenciações. Pois o corpo escolar precisaria perceber esses diferenciais negativos ao sucesso da classe popular; senão, aconteceria o previsto por Bourdieu (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), que “a sociedade produz e a escola reproduz”, já que trata os diferentes agentes de maneira uniforme. Para que a escola não reproduzisse tal situação deveria tratar os diferentes de forma diferente a partir da situação particular de cada aluno, chamado por Bourdieu “Pedagogia Racional”. Partindo deste princípio (BOURDIEU 1993, apud AQUINO; REGO, 2014), nos alertou em dizer que a Escola não conseguiria igualar as oportunidades ou dar cultura a todos, mas poderia, no entanto, não reforçar as desigualdades. Diante disso, quando a Escola se mantém aquém, não reconhece as necessidades da classe popular ela faz valer a dominação, a dominação da elite e sua promoção. O pensamento crítico existente ao tratar das Escolas Públicas Brasileiras é que as Escolas Públicas carregam também entre si a relação de diferenciação de qualidade e apoio governamental, existindo as que recebem maior apoio financeiro e atenção diferenciados, Escolas Públicas localizadas em bairros pobres com alto índice de violência, falta de condições de infraestrutura, rendimentos baixo dos alunos,

diferenciação entre as Regiões Brasileiras e se são do meio urbano ou rural etc. Como os alunos provenientes de Escolas Públicas mais bem estruturadas necessitam e exigem melhores qualidades acabam exigindo do poder público maiores e melhores condições em detrimento da classe popular com menores índices no IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que não se exige o necessário por não ter noção das necessidades a se requerer, pois o poder governamental não os enxergam, levando desvantagem, tornando-se real o dito de Bourdieu:

O que sabes, não tens necessidade de aprender; o que não sabes, não podes aprendê-lo, já que não sabes o que é preciso aprender. A Reprodução (PIERRE BOURDIEU; apud NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2014)

Há atualmente políticas voltadas a educação que considere a lógica de auxiliar as escolas que mais precisam mas esses benefícios não chegam aos que mais precisam como mencionado anteriormente, pois na realidade não acontece o previsto, os apoios na realidade vão para aqueles que menos precisam.

Atualmente os governos adotam uma nova perspectiva que consiste num deslocamento da lógica de equidade, ou seja, a tendência atual é o pensamento de que a distribuição de recursos deve ser diferenciada em função das necessidades também diferenciadas (SEABRA, 2009, p.77 apud FERREIRA, 2014).

Os maiores incentivos governamentais acabam chegando a escolas com maiores rendimentos no IDEB etc. Os alunos das mais variadas Escolas Públicas do Brasil são diferenciados em oportunidades, apoio e incentivo do poder público. Acaba por chegar mais a quem têm mais, sendo que a grande maioria distantes do alto capital cultural, econômico, social e simbólico acabam tendo o futuro comprometido fazendo-se valer a reprodução do sistema de Ensino Brasileiro que vai mais longe e chega ao ensino superior, pois a exclusão acontece ao longo do caminho e também nas Universidades.

Alguns programas sociais são disponibilizados pelo governo a fim de melhorar as condições dos estudantes brasileiros, no Ensino Básico assim como no Ensino Superior, a classe popular tem auxílios que de certa forma não resolvem o problema da educação no Brasil, são incentivos do Ensino Básico: bolsa família, disponibilização de livros didáticos. Incentivos exteriores ao ambiente escolar que poderão repercutir positivamente dentro do espaço escolar como: programas relacionados ao emprego e

renda, moradia etc. No ensino superior, bolsas permanências, moradia estudantil entre outros são formas de auxílios indiretos que ajudam os estudantes, são contribuições positivas, mas ainda assim há importância de se considerar o capital cultural trazidos pelos estudantes e as condições e oportunidades adquiridas anterior à Universidade e na Universidade.

Sem os mecanismos culturais a seu favor, já na infância seria muito difícil superar tais dificuldades, pois sem meios necessários para superação desses desafios estariam fadadas a serem excluídas do sistema de ensino aos poucos, ao longo do caminho, pois entrariam na Escola como parte ou não dela. Essa exclusão aconteceria aos poucos e atingiria os mais altos níveis do Ensino, pois poucos estudantes chegariam a Universidade, ao Mestrado e ao Doutorado de Universidades Públicas, já que muitas vezes os estudantes da classe popular se perderiam antes dela e nas Universidades não chegando a posições cobiçadas; o Doutorado. As Universidades são controversas quando tratam-se do acesso, permanência e formação de seus alunos. Há também diferenciações importantes entre seus alunos, que determinam o acesso diferenciados a leituras, línguas, ambientes culturais como: os teatros, acesso a música e outros meios culturais.

A Universidade como um meio diferenciado, intelectualizado, onde o universo de estudantes encontra-se as mais diversas aproximações ou distanciamento da cultura intelectualizada, são os com pouco capital cultural, econômico-social que provavelmente não atingem o desempenho acadêmico esperado, geralmente é na classe popular universitária que os alunos estão mais distante da realidade da elite acadêmica, tanto do acesso aos bens materiais quanto de mecanismos intelectuais que os façam ter uma boa familiaridade com tecnologias, línguas e acesso à cultura erudita. Desse modo, estudantes universitários da classe popular são também diferenciados em suas escolhas e na posição que ocupam na universidade e que irão ocupar na vida universitária, nos Mestrados e Doutorados para poucos, pois como apresentou (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), que poderiam chegar a níveis maiores de escolarização após significativas renúncias, e as exclusões aconteceriam em todos os níveis e graus do conhecimento.

O capital cultural dos estudantes universitários não determina as competências

informativos, mas pode favorecer, contribuir positivamente para o uso eficiente dos recursos informativos. Todavia, não é fator determinante, mas em condições e estímulos adequados essa falta pode ser compensada, mas quando esses estímulos e condições não chegam, eles acabam contribuindo para o fracasso escolar dos alunos, ou suas más formações educacionais, mecanismos que a instituição de ensino devia ter acesso a este conhecimento referente ao aluno e não prognosticá-lo com déficit individuais tão comuns na atualidade carregados de concepções econômica-sociais, culturais e simbólicas veladas.

Para (BOURDIEU 1998, apud AQUINO; REGO, 2014), não é apenas o acesso ao ensino que deve ser ensinado, mas que democratizar o ensino é também dar acesso aos estudantes a formular opiniões, de modo que se sirva do conhecimento a seu favor e em prol da sociedade e para isso não se tenha apenas acesso ao trabalho, mas que torne o indivíduo cidadão, sujeito, não apenas agente do conhecimento construído ao longo da caminhada escolar.

2.2-AS FORMAS DE INGRESSAR NO ENSINO SUPERIOR E SEUS RESULTADOS

A Revolução Francesa, trouxe a primeira vez a obrigatoriedade a educação, gratuita e para todos, mas ainda elitista e poucos podiam cursar uma Universidade. Dessa forma, a Universidade do século XXI ainda continua elitista carrega e confirma o privilégio de cursos tradicionais elitizados e mantém outros destinados a classe popular. Decerto que, há uma necessidade social, econômica e política pela formação de determinados profissionais que a sistema capitalista demanda, mas ainda há na sociedade uma magia nos cursos que somente aqueles que possuem o capital da elite pode realizar o que a maioria da classe popular não consegue. O capital cultural ainda é um bem que tem preço e nível, valor, muitas vezes simbólico, respeitoso e superior, cheio de dons.

Atualmente o ingresso no Ensino Superior Público acontece por várias vias: por meio dos Vestibulares, do PAS (Programa de Avaliação Seriada), do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), do SISU (Sistema Unificado de Seleção Universitária) e também para aqueles que já possuem um Curso Superior, mas são importantes principalmente para aqueles que pleiteiam a primeira Graduação. Nos últimos anos, o incentivo ao ingresso a classe popular tem crescido. Acontecem pelo aumento de vagas em Universidades Públicas, a conquista de bolsas integrais e parciais em Faculdades e Universidades Particulares através do PROUNI (Programa Universidade para Todos), através de financiamentos do FIES (Programa de Financiamento Estudantil). As vias de acesso estão cada vez mais largas, mas a permanência e a qualidade do ensino ainda faz um diferencial entre classes no Brasil.

[...] durante a segunda metade do século XX, grande parte das investigações relacionadas à educação direcionava a razões biológicas e/ou psicológicas para o fracasso escolar. Procuravam-se em conceitos sobre inteligência e deficiência e déficits, as respostas para indagações sobre os motivos dos desempenhos insatisfatórios. Os baixos rendimentos das classes populares, indicavam a incapacidade natural dessas pessoas, suas trajetórias pouco exitosas nas instituições escolares (MACHADO, 1997, p.75

apud PATTO; LESSA; FACCI, 2009)

Valendo-se ressaltar a história que a educação brasileira, também influenciada e inserida no contexto mundial. Dessa forma, só após esse período é que entra a sociologia como peça importante no contexto e sucesso escolar dos alunos.

Diante desses estudos no Brasil atual, percebe-se uma má qualidade da Educação Básica. O Brasil supera a má qualidade em relação até mesmo entre seus vizinhos: Argentina, Chile e Bolívia ficando na posição 88^o na qualidade do ensino básico (UNESCO apud CAPRARA, 2013). Dados mais recentes do ano de 2016 aponta que o Brasil está na 83^a posição, atrás da Bolívia 77^a, Uruguai 60^a, abaixo dos países da América Latina. Muito distante dos melhores colocados (VEJA, 2016). O governo brasileiro disponibiliza alguns benefícios como: livros didáticos, alimentação e transporte escolar. Ainda assim, há uma grande maioria vivendo a má qualidade do ensino, a falência é acometida a todo sistema e não é somente no nível individual. Políticas Públicas na área de educação, baseados no PNE (Plano Nacional de Educação), demonstram que políticas de acesso aos livros didáticos, da alimentação e do transporte escolar, são importantes, porém não interferem na realidade dos alunos fora das escolas é dessa perspectiva que se procura olhar e enxergar o aluno como inserido em contexto amplo repercutindo no seu **“locus”** escolar. E conforme, Nogueira (2004):

A defasagem acumulada no percurso não impedirá, no entanto, os jovens em atraso de ingressar no Ensino Superior, após um certo número de ensaios frustrados e mediante o auxílio largamente utilizado dos ‘cursinhos’ Estes para uma pequena minoria; outros se perderam no caminho:

Quando alguns jovens se servem deles passam a maioria (a metade por um período de um a dois anos, o restante por um período que ficou em torno de seis meses frequentando os cursinhos como mostra a pesquisa realizada nos anos 2000-2001 (NOGUEIRA, 2004).

Os estudantes da classe popular não terão a maioria o privilégio dos preparatórios para chegar a Universidade, quando eles pensam na conquista de uma vaga nas Universidades Públicas Brasileiras enfrentam uma verdadeira maratona, principalmente quando o intuito se foca no acesso a um curso elitizado, por exemplo: medicina e direito. São muitas lutas, diversas são as histórias de vida desses estudantes, principalmente quando trata-se do pouco capital econômico-social, político,

cultural e simbólico adquirido antes do ingresso à universidade. Por possuir poucos meios para essa conquista, cada um encontra suas próprias estratégias, escolher cursos pouco concorridos para o ingresso, ou cursar um curso com a principal finalidade de conseguir um trabalho que lhes dê um salário justo, ou como meio de inserção no mercado de trabalho e/ou ascensão social, ou visando outra Graduação no futuro. O Mestrado e o Doutorado ainda são escolhas de poucos.

A parcela de estudantes da classe popular são aqueles ocupantes do maior percentual de vagas dos cursos menos elitizados, apesar de ter crescido o número desses estudantes em cursos como medicina e direito.

Para François Dubet (1994, p. 520 apud NOGUEIRA, 2003), em seus estudos sobre estudantes universitários dos dias atuais, chama a atenção para a o fenômeno da “escolha negativa” que também encontrou em seus interrogados.

Ele acredita que não se deve ver o aluno como um indivíduo sem projeto, mas que se veja este aluno como alguém que dispõe do projeto que pôde formular ao final de uma série de renúncias. Para este autor, a concordância entre desejos e projetos é privilégio apenas de uma elite escolar, com real poder de escolha. Ele explica que os estudos de Medicina não são nunca apresentados (pelos entrevistados) como uma escolha na falta de coisa melhor. Se é médico porque quis ser médico desde sempre.

Os agentes marginalizados por dentro pelo conhecimento estão condenados a oscilar entre a adesão a essa marginalização, a submissão ansiosa ou a revolta impotente. Desse modo, perceberia aí um sujeito que sem considerar suas origens sociais, culturais e outros aspectos, seriam aquele que se imporia na sociedade conseguindo ascensão, e esses eram chamados com todo mérito e aqueles que se tornariam submissos seriam os sem méritos e sem dons. Se ao pensar que a maior parcela do sucesso escolar não se encontra na classe popular e que um título conquistado muitas vezes poderia ser consequência de tantas renúncias de muitos títulos e talvez até de exclusões ao longo da jornada escolar dos estudantes.

As ideias propostas por Pierre Bourdieu nos mostram como há disfarces produzidos pelas Escolas de maneira dissimulada, acaba excluindo os alunos que não foram feitos para ela quando não considera a origem socioeconômica de seus alunos, quando a escola não trabalha em prol a diminuir as desigualdades, quando não promove o reforço escolar, quando não traz os pais para compartilhar a vida escolar

dos filhos, ao negligenciar os problemas sociais nas áreas limítrofes da escola, desconsidera as diferenças de capital cultural dos alunos, dentre outras situações. É sabido que a Escola deve também focalizar, incentivar e promover formação continuada dos docentes e todos seus trabalhadores, melhorar seus recursos, currículos entre outros, ações inquestionáveis, mas que se tratam de algo do interior da Escola, discutindo-se aqui o contexto do ambiente exterior da Escola que o aluno traz para dentro dela tão influente no seu caminhar lá dentro. Dessa forma, como mencionou Bourdieu (BOURDIEU 1993, apud AQUINO; REGO, 2014) que a Escola protege os privilégios ao invés de transmiti-lo, acontecendo em todas as instâncias do ensino desde o Ensino Básico e indo ao Ensino Superior.

Ainda, segundo Dubet (2001, p.9 apud TEIXEIRA; PAIXÃO; ALMEIDA, 2001; FÁVERO; IRELAND, 2007), afirma que: 'a igualdade [na educação] cresceu porque a educação não é mais um bem raro beneficiando a todos, mas ela se tornou um bem mais hierarquizado quando as barreiras foram substituídas pelos níveis.

Bourdieu (2010, p.171 apud PIMENTA; LOPES, 2014) também já indicava a 'multiplicação dos ramos de ensino sutilmente hierarquizados e das vias sem saída sabidamente dissimuladas que contribuem para perturbar a percepção das 'hierarquias'. O sistema de ensino se encerraria, assim, numa posição cada vez mais paradoxal, também presente nas sociedades pós-modernas: renovação constante para conservação do essencial. É necessário ressaltar que, para Bourdieu (2002 apud PIMENTA; LOPES, 2014) enfatiza que o Sistema de Ensino apenas contribui, a seu modo, para a reprodução social, e não a realiza por completo.

Há também o fato de que a escolha das Instituições Privadas que caracterizam por praticarem exatamente vestibulares menos seletivos e, na maior parte, pouco exigentes. Mas este estudo se referêcia ao curso de Pedagogia da Universidade de Brasília e contextos que o envolve, tendo estes fatos apenas como norteadores.

Atualmente a ideia que é passada, o simbolismo que a representa é que as políticas de massificação do acesso ao Ensino Superior é de que todos os alunos teriam acesso as instituições de ensino de maneira equiname, o que de fato não acontece, pois existem barreiras à mobilidade que fazem com que as elites, em razão de possuírem um maior estoque de capital cultural 'proporcionado pelas condições sociais e pelo maior nível de escolaridade de seus pais', continuem tendo acesso às

melhores oportunidades educacionais e com isso melhores oportunidades de trabalho.

As classes populares buscam com a escolarização ascensão social, as classes Média e Alta, focaliza na manutenção de padrões que virá com a escolarização e ainda a sustentação do status, devendo-se observar que a classe popular enseja trabalho, algo prático e a elite se entusiasma com o valor simbólico, com status.

Bourdieu (1993, apud AQUINO; REGO, 2014), menciona em seus estudos que existem diversos campos, alguns são os campos econômicos e sociais, os quais têm relações muito estreitas com a educação, muito próximas, pois com melhores níveis econômicos haveria mais oportunidades ao acesso ao conhecimento e melhores níveis sociais trariam acesso ao capital social necessário ao conhecimento que a Escola ensina e aprova, além do aluno se beneficiar das relações sociais positivas, adentrando-se ao comportamento e chances de ingresso ao capital cultural da elite atrelados ao campo escolar.

2.3 -UNIVERSIDADE DEMOCRÁTICA E ELETISTA

O Sistema Educacional Brasileiro e as políticas governamentais têm expandido o acesso ao Ensino Superior, mas nem sempre oportunizará os alunos a qualificação desejada, a seus anseios e da sociedade.

Menos da metade dos jovens atingiu a Universidade em idade regular ou antes dela, isto é, aos 17 ou 18 anos, na elite o abandono/ interrupção dos estudos antes dessa idade constitui fato raríssimo. Mais da metade do universo pesquisado apresenta algum tipo de atraso em seu itinerário escolar, decorrente seja das reprovações no nível do Ensino Fundamental ou Médio, ou em tentativas malsucedidas no Vestibular. (NOGUEIRA, 2004)

Democratizar o acesso muitas vezes não é sinônimo de solução para a educação Superior Brasileira e nem para a supressão por mão de obra qualificada para o mercado de trabalho e bem como, para a realização profissional dos futuros trabalhadores. O conhecimento deve ser democratizado, pois o aumento de vagas, somente alarga as vias de acesso não implicando na maior performance estrutural da educação, a qualidade é que está em jogo, sendo esta conquista, a mais bem vista para a sociedade.

Apesar da luta para a conquista democrática do acesso, permanência e conclusão dos cursos, as Universidades ainda precisam conquistar mais qualidade na formação de seus alunos. A Universidade assim como as Escolas, mantêm na sua constituição a valorização dos alunos, oportunizando mais aqueles que já conseguiram nas formações anteriores levar vantagens adquiridos através de diplomas de línguas estrangeiras, acesso maior a livros, conhecimentos relacionados a tecnologias, frequência a programa culturais como: filmes, teatro, danças entre outros, dessa forma, com maior capital cultural encontram maior facilidade e estão mais preparados e possibilitados para ocupar cargos mais ambicionados, até porque o conhecimento envolve esferas interdisciplinares facilitadoras do conhecimento como todo.

As Universidade Públicas do século XXI ainda é uma instituição para poucos, como afirma Bourdieu (1993 apud AQUINO; REGO, 2014) que, ao favorecer os que já chegaram favorecidos acaba por renovar um sistema de que os alunos que podem

escolher seus cursos acabam por escolher seus cursos como maior certeza da escolha, tornam-se menos frustrados, mudam menos de curso e chegam aos postos mais altos de formação como Mestrado e Doutorado.

Há neste contexto um menor prejuízo para os estudantes, para a Universidade e Sociedade, dessa forma, mais uma vez ganham em comparação aos alunos da classe popular, que além de não serem adequados ao Sistema de Ensino Superior estão menos envolvidos com a Universidade e menos valorizados por ela por também não ter conteúdo acadêmico que a Universidade prestigia e espera.

O argumento de Bourdieu (1993 apud AQUINO; REGO,2014) sobre o paradoxo da democratização do ensino pode ser assim expresso: Antes a Escola eliminava pura e simplesmente já no início da escolarização, ainda no 'primário'. Após as modificações estruturais que, em parte, são decorrentes da difusão da crença no valor dos títulos e conhecimentos escolares, a eliminação, por assim dizer, 'desaparece', é diluída no tempo e postergada para os níveis subseqüentes da escolaridade.

Os mecanismos de aceleração branda, conforme o relatório de Colimam (PLOWDEN; FORQUIM,1995 apud CAPRARA, 2013), um percurso longo e acidentado com um diploma que não garante a adequação entre a chancela legal e o posto ocupado, ou seja, entre as aspirações proporcionadas pela certificação e os retornos materiais e simbólicos daí resultantes.

Neste sentido, os estudantes provenientes das classes populares, estarão condenados, como disse Bourdieu em "A Miséria do Mundo", a uma "exclusão sem dúvida mais estigmatizante na medida em que tiveram, na aparência, suas chances". A força da eliminação branda reside, portanto, na suposta equidade e na ilusão da continuidade. (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014).

Para Bourdieu a contradição que perpassa a Escola faz com que ela continue excluindo os que "não são feitos para ela" (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014), embora mantendo-se em seu interior, relegando-os a um ensino desvalorizado e outorgando-lhes diplomas sem valor no mercado.

Segundo Bourdieu (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014) a avaliação docente seria um verdadeiro "julgamento social" baseado implicitamente e quase sempre de maneira inconsciente na maior ou menor distância do aluno em relação as atitudes e comportamentos valorizados pelas classes dominantes.

As ideias de Bourdieu nos mostram que o mundo intelectual contribui para uma

forma de dominação “suave e refinada” em seus meios, como o Sistema Escolar, as pesquisas de opinião e as ciências sociais. (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014).

Para Bourdieu a origem social, o capital cultural, o *hábitus* são fatores de afunilamento dos setores educacionais. Ele também critica o currículo pois, para Bourdieu os conteúdos curriculares ao sublinhar que o saber está intimamente associado a cultura dominante, abre as portas para uma análise crítica do currículo. Os conteúdos curriculares seriam selecionados em função dos conhecimentos dos valores e dos interesses da classe dominante e, portanto, não poderiam ser entendidos fora do sistema mais vasto das diferenciações sociais (associados à posse dos diferentes tipos de riqueza social) o próprio prestígio de cada disciplina acadêmica estaria associado a sua maior ou menor afinidade com as habilidades valorizadas pela elite cultural.

Segundo Bourdieu: A Escola exclui, como sempre, mas ela exclui agora de forma continuada a todos os níveis de curso, e mantém no próprio âmago aqueles que ela exclui, simplesmente marginalizando-os nas ramificações mais ou menos desvalorizadas. Esses marginalizados por ‘dentro’ estão condenados a oscilar entre a adesão maravilhosa [...] e a resignação aos seus vereditos.

Durante toda a segunda metade do século XX, os processos de democratização do ensino foram objetos de investigação privilegiados pela Sociologia da Educação (algumas barreiras a essa democratização encontram-se na distância entre os códigos linguísticos da Escola balizados pela norma culta) e os códigos linguísticos das crianças, adquiridos em seu meio social, cuja suposta deficiência daria origem às hipóteses dos déficits linguísticos; as condições e estilos de vida entre os estratos populares, distantes dos valores e das práticas socioculturais das camadas médias (cuja socialização primária seria mais congruente com a socialização escolar), que se mostram inadequadas às exigências da escolarização e, por isso, deram origem à hipótese das carências culturais da população recém chegada à Escola (CARVALHO; BRANDÃO, 2011).

Por volta da década de 1970, Luiz Antônio Cunha, marcou a Sociologia da Educação ao analisar os impasses da escolaridade no país, em meio ao “Milagre Brasileiro”, durante o Regime Militar. Na sucessão das décadas multiplicaram pesquisas e análises sobre as condições de uma democratização do ensino que, para além do acesso à Escola, garantisse a permanência dos setores populares no Sistema Escolar

com efetivo aproveitamento em termos de aprendizagem. Surgiram diversos temas entre eles: o fracasso escolar, a marginalização da cultura popular pelos currículos, as diferenças linguísticas e culturais e também o impacto das condições de vida sobre a escolarização dos educandos.

Pesquisas Nacionais e Internacionais (NOGUEIRA et al., 2000) têm mostrado que o sucesso da escolarização das elites muitas vezes se dá pela estratégia de ‘evitamento’ de fracasso através de escolhas mais adequadas, tais como a transferência para escolas menos exigentes a fim de prevenir prováveis reprovações, apoio escolar através de professores particulares, estágios no estrangeiro etc (BRANDÃO; CARVALHO, 2011)

Mas, Escolas de maior prestígio frequentadas por estes grupos sociais costumam ser extremamente seletivas, quer no momento da matrícula inicial dos alunos, quer através de diferentes processos de seletividade internos-negociados com as famílias, quando a reprovação tende a levar muitos alunos a procurar outras alternativas de escolarização (MANDELERT, 2010 apud BRANDÃO; CARVALHO, 2011).

Segundo (MEDEIROS, 2006; GALVÃO, 2009 apud BRANDÃO; CARVALHO, 2011), um dos dados mais recorrentes de pesquisas foi o forte senso de pertencimento que atravessa os diferentes agentes escolares (alunos, professores, funcionários) nas instituições investigadas. Algumas expressões do capital simbólico das escolas de prestígio aprofundam o conhecimento das estratégias de construção e transmissão de imagens institucionais que ligam, há várias décadas, gerações de alunos e docentes e constituem-se fontes importantes de fluxos de capital social e simbólico.

Quando a Escola reconhecida como legítima, portadora de um discurso universal (não arbitrário) e socialmente neutro, a Escola, na concepção de Bourdieu, passa a exercer, livre de qualquer suspeita suas funções de reprodução e legitimação das desigualdades sociais. As funções de reprodução e legitimação se realizariam, primeiro e paradoxalmente por meio da equidade formal estabelecida pela escola entre todos os alunos.

E ainda, segundo Bourdieu (1996 apud GOUVEIA; NOQUEIRA), no artigo “A Escola Conservadora”: as desigualdades frente à Escola e à cultura.

[...] para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a Escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que

transmite dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais.

Para Bourdieu, apesar de arbitrária a cultura Escolar ela seria socialmente reconhecida como única legítima. Ele fala da ilusão da democracia consistindo em supor que todos têm iguais condições de acesso à opinião pública, que todos têm as mesmas condições de falar. E ainda, na Escola é desigualmente distribuído os instrumentos cognitivos e corporais, necessários a formulação do ponto de vista próprio, uma opinião sobre algo. O acesso ao discurso é muito restrito as sociedades contemporâneas. Ele menciona que a probabilidade de responder adequadamente a uma questão, a capacidade de articular um problema é maior entre os homens do que entre as mulheres, entre os ricos do que entre os pobres. Daí a grande importância da Educação e a afirmação de Bourdieu: “ É preciso trabalhar para universalizar, para democratizar as condições econômicas e culturais de acesso à opinião pública”. É isso que confere um lugar determinante à Educação, Educação de Base e Educação Permanente: ela não é somente uma condição maior de acesso ao verdadeiro exercício dos direitos do cidadão é muito mais.

Bourdieu nos fala em sua obra: “A Miséria do Mundo” (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014), chamando os alunos de: “Os excluídos do Interior”, esses “Excluídos do Interior do Sistema de Ensino são os estudantes e profissionais das “Escolas Depósitos”.

Uma sociedade que se propõe democrática não usa a Escola como instrumento de controle social. Segundo Hoffmann (2009 apud PADILHA, 2012), o sistema que utiliza o modo classificatório para selecionar os alunos é falho por não apontar as reais dificuldades dos alunos e professores, não sugeri encaminhamentos, discrimina e seleciona e ainda reforça a manutenção da Escola para poucos.

Alunos acostumados desde a infância a exercerem a autonomia e a emancipação, que exercita a liberdade de pensar e de criticar, tornar-se-ão adultos mais conscientes e ativos do papel que representam na sociedade, diferentemente de alunos com limitada formação para a autonomia, reprimidos pelo excesso tecnológico para poucos ou pela escassez de recursos que os excluem, necessitando de avaliações que caminhem junto na construção do pensar. Para Emille Durkheim (1858-1917 apud

VÉRAS, 2013) “considerava a educação como imagem e reflexo da sociedade. A Pedagogia seria uma teoria da Prática Social”. O que o Sistema Escolar faz é considerar os problemas da repetência e reprovação como problemas do aluno, sem considerar que o problema atinge um campo amplamente maior que consiste em todo contexto, tanto interno quanto exterior da Escola, fazendo-se que naturalmente o aluno precisa de estudar por mais tempo, precisa de mais tarefas, mais tempo do professor etc, desviando o pensar de que o estudo muitas vezes não precisa melhorar em quantidade e sim numa qualidade que faça diferença.

Segundo, Santos (2014), as Universidades do século XXI devem estar intimamente relacionadas a um projeto de país, devendo para tanto haver uma reforma que possa transformá-las em verdadeiros bens públicos, respondendo “positivamente às demandas sociais pela democratização radical da Universidade pondo fim a uma história de exclusão de grupos sociais e seus saberes de que a Universidade tem sido protagonista ao longo do tempo”.

Segundo Bourdieu (apud GIROX; SILVA; MARANHÃO; CONTIJO) argumentam que:

[...] as Escolas desempenham um papel particularmente importante tanto na legitimação quanto na reprodução da cultura dominante, pois as Escolas, especialmente as de Nível Superior, encarnam interesses de classes e ideologias que valorizam um tipo de familiaridade e conjunto de habilidades que apenas alguns alunos receberam através de suas experiências familiares e relações de classe. Exemplo: estudantes cujas famílias não possuem capital cultural altamente valorizados pela sociedade dominante estão decididamente em desvantagem.

A Pedagogia crítica, ao introduzir a ideia do caráter dialético da Escola, ao mostrar que na Escola não acontece apenas o processo de reprodução, por reproduzir a ordem dominante, ela também produz uma determinada ordem social de resistência ao que está posto. Essa dialicidade introduz a ideia de luta no espaço escolar e a possibilidade de emancipação dos agentes sociais, não existente nas teorias reprodutivistas. Girox, rejeita a noção de que as Escolas são simples locais de instrução, e ao fazer isso, não apenas politiza a noção de cultura, mas também indica a necessidade de se analisar a Cultura da Escola, dentro do terreno cambiante de luta e contestação (Giroux, 1986, p. 151), ele diz ainda que: “ O poder nunca é

unidimensional; ele é exercido não apenas como um modo de dominação, mas também, como um ato de resistência” (GIROUX, 1986, p. 147).

Bourdieu (1973 apud GUIMARÃES, 2003, p. 10) observa que, na sociedade atual o desenvolvimento empresarial e tecnológico adota políticas educacionais de massificação educacional, onde em tese, todos os indivíduos teriam acesso às Instituições de Ensino. Entretanto, ele assevera que existem barreiras à mobilidade que fazem com que as elites, em razão de possuírem um maior estoque de capital, “proporcionado pelas condições sociais e pelo maior nível de escolaridade de seus pais”, continuem tendo acesso às melhores oportunidades no mercado de trabalho.

As diversas perspectivas pelos quais norteiam as concepções da Educação ou tiverem seus ápices em determinados período de tempo no Brasil, foram as concepções funcionalistas, as de reprodução dentre outras. A funcionalista prezava que a mobilidade social estaria baseada em características individuais e não mais atribuídas a posição social do nascimento. A reprodução ao invés de possibilitar a mobilidade social ascendente a expansão da Educação teria servido para perpetuar e promover a desigualdade social a partir da legitimação das relações sociais existentes. Papeis que refletem as posições sociais de suas famílias.

A Teoria do Capital Humano, os quais, a quantificação dos indivíduos devido à profissionalização do saber: o estudo formal era uma forma de investimento. Quanto maior o investimento na qualificação dos indivíduos, maior seriam os retornos em termos de salário e emprego. A Teoria do Capital Humano tinha como ideia de eliminar a pobreza e a desigualdade, melhorando as tarefas a serem executadas já que o indivíduo mais conhecedor teria mais chance de exercer um melhor trabalho.

2.4 -AS CLASSES POPULARES E A UNIVERSIDADE

O aluno da classe popular são alunos que têm em suas histórias falas de superação e luta. A conquista é para poucos. São alunos que trabalham mais horas por dia, desenvolvem suas atividades de trabalho fora do ambiente universitário, diferentes dos alunos das elites que ocupam mais postos de trabalho na Universidade passando menos tempo do dia dedicado ao trabalho laboral.

Os alunos da classe popular são os que mais demandam auxílios por moradia, pois moram mais longe do Campus Universitário, precisam de mais auxílio à alimentação, saúde e utilizam mais transporte coletivo e dominam menos as tecnologias, geralmente entram na Universidade sem cursos de línguas estrangeira e menos idas a teatros etc.

. A pesquisa que tratou do perfil socioeconômico dos estudantes aprovados na UnB em 2009 (COSTA; NOGUEIRA, 2014) cujas formas de ingresso foram o Vestibular pelo sistema de cotas para negros e para estudantes de Escolas Públicas e também o PAS, cujos resultados contrariaram a Teoria do Capital Humano, reforçando as Teorias Estruturalistas, na medida em que, permitem perceber que existem barreiras à mobilidade econômica decorrentes de variáveis relacionadas à origem de cada indivíduo.

Os alunos agregam valores durante sua vida universitária que ocasionará mais ou menos chances de ascenderem-se socialmente. Existem barreiras à mobilidade que fazem com que as elites, em razão de possuírem um maior estoque de capital cultural, proporcionada pelas condições sociais e pelo maior nível de escolaridade de seus pais”, continuem tendo acesso às melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Ministério da Educação (MEC), através do ENADE (EXAME NACIONAL DE DESEMPENHO DE ESTUDANTES, 2008, 2011) também traz informações muito importante relacionadas ao perfil dos estudantes ingressantes e concluintes do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e de outras Instituições do Brasil. As informações são referentes ao resultado que os alunos obtiveram nas provas assim

como o perfil socioeconômico dos alunos, tentam mostrar, evidenciar, como é o estudante de Pedagogia das Universidades Públicas do país. Dessa forma, percebeu-se que os estudantes da UnB ao ingressarem no curso de Pedagogia, apresentam maiores notas na prova de conhecimentos gerais e os das demais Instituições Brasileiras apresentam ao ingressarem nota mais alta nas provas de conhecimentos específicos.

Os alunos de Pedagogia da UnB ao concluírem o curso, segundo o ENADE (2008; 2011), eles obtêm maior nota nas provas em que são avaliados os conhecimentos específicos quando concluintes, diferentemente dos alunos de outras instituições que ao concluírem o curso obtêm notas maiores nas provas que avaliam conhecimentos gerais.

Ristoff (2013 apud BROCCO; ZAGO, 2014) constatou em seus estudos que os indicadores socioeconômicos que os estudantes de Medicina, a maioria, ou seja, 67%, possuem pai com Instrução Superior, 70% vêm de família de renda elevada, representando a faixa entre 10 salários mínimos mensais, chegando até a mais 30 salários mínimos e que 70% dos alunos que cursam licenciaturas trabalham.

Dessa forma, infere-se mais uma vez que o capital cultural herdado potencializa a inserção do indivíduo na Educação Superior. Sendo que, quanto mais alto o capital escolar dos pais, os descendentes são favorecidos, pois, quanto maior o conhecimento e formação educacional, maior a herança cultural e, dessa forma, maiores certezas e chances de o indivíduo buscar nível mais alto de escolaridade.

Ainda, segundo Ristoff (2014), seu estudo concordou com outros estudos ao mostrar que houve alteração do perfil socioeconômico do estudante universitário brasileiro, há uma relação explícita entre: renda familiar, escolaridade dos pais, origem escolar entre outras. Ele ainda conclui que, possuir pais com escolaridade superior não é mais critério; não é mais requisito indispensável para o ingresso à Universidade, motivado pelo alargamento das vias de acesso.

Dessa forma, percebe-se que o capital informacional dos estudantes universitários não determina suas competências mas contribui positivamente para o uso eficiente do recursos informacionais, desse modo as condições e estímulos adequados pode ser compensada o que lhes faltam no acesso a Universidade, mas fazer uma

Graduação e escolher a profissão que deseja não é pra todos. As escolhas dos cursos ocorrem por diversos motivos, mas é na classe popular que as razões das escolhas convergem sempre para um mesmo ponto, não acontecendo especificamente pela vontade de exercer a profissão escolhida.

Chauí (2001, p. 108 apud COSTA; NOGUEIRA, 2015) por sua vez, considera que as pessoas, há tempos atrás, queriam cursar a universidade para se dedicarem à pesquisa e ao ensino e que hoje elas o fazem para adquirir um diploma “a qualquer custo”, tendo em vista atender à exigência de empresas que utilizam os títulos como indicadores de escolha em seus processos seletivos”.

2.5 -A QUESTÃO DOS DONS NA PERSPECTIVA DE BOURDIEU

A formação dos indivíduos e assim a formação escolar são constituídas por diversas esferas, por diversas naturezas. Sejam elas a econômico-social, psíquica, a política, a cultural, dentre outras constitui intrinsicamente os sujeitos. A cultura influencia sobremaneira o indivíduo, e dessa forma uma influência tão gritante que passa quase imperceptível aos olhares cotidianos. A cultura que nos constitui, passada de geração em geração. Sendo parte de nós e que nos influencia no dia a dia. As nossas vivências e experiências nos forma de modo que o que somos representa o que somos na nossa aparência e nas nossas preferências, nos constituindo.

Dessa forma, o que nos parece tão natural e formou em nós pelas experiências que tivemos diante daquilo que nos estava exposto. E nossas habilidades, o que nos representa está muito distante do momento que ainda eram pequenos, ainda muito bebês para sabermos tudo sobre o mundo. Mas este mundo que estava a nossa volta nos constituiu, nos forneceu valores, experiências, mitos, tabus e tudo que faz parte da vida do ser humano. Como mencionou Durkheim, que mais sorrateiramente nos falou do meio pelo qual o indivíduo estava inserido, dizia muito do grupo pelo qual estava envolvido. Os diferentes valores, ideias, princípios eram parte do grupo e assim do indivíduo que se fazia parte. E que para Bourdieu, “tatuava-se” em nós como algo natural e que para os mais agraciados com oportunidades eram apresentados como os cheios de dons.

E assim, Bourdieu (1993 apud AQUINO; REGO, 2014), nos descreveu que os dons seriam apenas interesses dos indivíduos por determinadas coisas pelos quais teve acesso, sendo impossível se não tivesse oportunidade de entrar em contato com mecanismos de seus interesses. Ele acredita que há uma internalização, interesses por tais conhecimentos que acabam tornando-se naturais. A expressão que fazemos sobre nós mesmos, a composição do que somos, nos gestos, nosso jeito de ser. Expressos através de nossas vestimentas, nossos gostos, escolhas e nossa maneira de pensar, nossas ideias e opiniões.

Segundo as palavras de Charlot (2009, apud BRUNO; REGO, 2010) que é preciso que o homem encontre sentido naquilo que faz. Há contradições na sociedade, conceituações sexistas que acabam por determinar ou predeterminar os indivíduos, atribuindo-lhes caracterização no imaginário social transformadas pela sociedade como naturais.

Dessa forma, vale o frisar da questão, que Bourdieu (1993 apud AQUINO; REGO, 2014) mostrou nos alertando que a ascensão social acontece para poucos e são os poucos que justificam e legitimam esse sistema, pois aliada à ideia do dom e do mérito isso é naturalizado e interiorizado por quem obtém êxito e também por aqueles que fracassam.

Segundo, Bourdieu (1993, apud AQUINO; REGO, 2014), a avaliação escolar representa, antes de tudo, um mecanismo de transformação da herança cultural em capital escolar. E isso seria possível porque a avaliação docente iria muito além da mera verificação da aprendizagem dos conteúdos, constituindo-se, na prática, num verdadeiro “julgamento social” baseado implicitamente e quase sempre de maneira inconsciente na maior ou menor distância do aluno em relação as atitudes e comportamentos valorizados pelas classes dominantes.

Para Bourdieu ‘capital’ é um conceito que abrange a quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo. Ele distingue quatro principais tipos de capitais: o econômico, o cultural, o social e o simbólico. Bourdieu rejeita a expressão “capital humano”, pois segundo ele, há dificuldades neste conceito de expressar elementos que ultrapassam o “economicismo”, termo pelo qual ele o alia a economia. Para ele, o termo capital cultural representa um conjunto de forças não-econômicas como classe social, diferentes investimentos para a educação, recursos diferentes que influenciam no sucesso acadêmico. (BOURDIEU, 1968, apud SANTOS, 2003).

Para Bourdieu (1993, apud AQUINO; REGO, 2014) a habilidade e o talento do sujeito são determinados principalmente pelo tempo (capital incorporado) e capital cultural investido pelos pais e famílias. E ainda, segundo Bourdieu, com “um certo” capital cultural, poderiam apenas gerar descendentes com uma quantidade igual de capital cultural, contudo se não se considerar o contexto ao qual foi empregado a afirmação de que o capital cultural ser proveniente do tempo que se dedicou aos

estudos e a contribuição da família, a teoria de Bourdieu levaria ao “determinismo cultural”, pois as gerações futuras estariam limitadas pelo capital cultural que inicialmente lhes foi transmitidos pelos seus progenitores.

Um ponto consensual entre Bourdieu e outros autores é que a trajetória escolar não é completamente determinada pelo pertencimento a uma classe social e, portanto, de que ela se encontra associada também a outros fatores, como as dinâmicas internas das famílias e as características “pessoais” dos sujeitos, ambas apresentando um certo grau de autonomia em relação ao meio social.

Nem todo filho de empresário torna-se fatalmente um empresário. Assim, estudos mais recentes defendem a tese de que é necessário que o “herdeiro aceite herdar a herança” (BOURDIEU, 1993 apud AQUINO; REGO, 2014), ou seja, que ele aceite “apropriar-se” dela (Singly, 1996).

Diante dos estudos das ideias propostas por Pierre Bourdieu é que os olhares brilham e se orgulham das diversas histórias dos filhos da classe popular, esse brilho é o que notificam-se poucas exceções, ao noticiar-se nas grandes mídias o percurso, a história de sucesso de pouquíssimas exceções, ganham-se holofotes da mídia. São histórias comoventes. Quando um trabalhador da classe popular passa em um concurso público, conquista uma vaga numa Universidade Pública ou se destaca no meio político, comovem a sociedade com o sucesso de sua luta, chega logo em voga sua história de vida e sua ascensão ao sucesso. É sabido que o indivíduo é composto de várias vertentes mencionadas anteriormente. Pensar como este “Ser” constituído de tantos fatores e que o sucesso poderá ter sido implicado e imbricado por algum fator determinante que seria preciso estudar individualmente cada indivíduo fruto deste sucesso, os motivos que o levaram a se destacar dentre os demais de seu grupo. Há de pensar que, a reprodução é algo lógico e evidente pois são raríssimas exceções de sucesso fruto das classes populares, a maioria e este estudo se remete a maioria, é que a escola reproduz o que a sociedade produz, fazendo-se valer algum detalhe em alguma esfera que produzisse esse diferencial, não seriam classificados com os nascidos cheios de dons, mas caminhos que percorreram e que por algum motivo tornou-se diferenciado e que foi remetido a um resultado positivo.

Segundo Bourdieu (1993, apud AQUINO; REGO, 2014), os estudantes que

atrasaram seu percurso eram quase totalmente da classe popular, e quantos filhos da classe popular aquinhoados de sucesso conseguiram a concretização dele no mesmo tempo cronológico da vida dos da elite e será que durante o percurso em buscar do sucesso não tiveram que deixar muitos outros sonhos? A contribuição para a Sociedade seria a mesma e no tempo hábil? E o retorno material e cognitivo seria o mesmo para o próprio indivíduo?

2.6-A ANÁLISE DOS DADOS SOCIOECONÔMICOS DO ENADE SOBRE OS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNB:

Pesquisas como a de Ferreira (2010 et al., 2014), confirmam a desvalorização do professor no Brasil e a de inclusão e ascensão social que a carreira representa para os estudantes provenientes de famílias de condição social e econômica mais desfavorável.

A pesquisa abaixo descrita mostra também outros fatores. Um deles é piora das condições socioeconômicas dos candidatos ao curso de Pedagogia da UnB. Os dados percentuais abaixo foram retirados do material disponibilizados pelo INEP nas provas do ENADE dos anos de 2008 e 2011. Aumentou o percentual de alunos advindos da classe popular.

A renda das famílias, o nível de escolaridade dos pais têm caído. A pesquisa mostra que 49,1% dos concluintes de 2011 vieram de Escolas Públicas, cujas rendas de 25% dos alunos as renda de suas famílias estavam entre 10 a 30 salários mínimos.

Quanto a origem racial dos estudantes. Nos últimos 4 anos, a procura pelo curso entre os alunos brancos diminuiu e entre os pardos e negros de Escolas Públicas aumentou. Atualmente e com o passar dos anos, aconteceu redução da concorrência no Vestibular, motivada pela oferta de bolsas de estudos nas Instituições Privadas e abertura de mais vagas nas Instituições Públicas, os quais, surtiu pontos positivos além dos citados anteriormente para a carreira de Pedagogo como: o aumento da perspectiva de concursos e salários atraentes para professores nos próximos anos, principalmente na Educação Infantil, para aqueles que se interessarem na carreira de Pedagogo.

Esses estudos também mostram a preocupação com a qualidade dos cursos e a formação dos futuros professores. Acrescenta-se o fato desses futuros professores vieram de uma realidade social menos favorável, chega-se a concepção de que foram submetidos a um processo de formação educacional que não contemplou ao que se esperava.

A pesquisa sobre o perfil dos estudantes de Graduação das Universidades

Públicas, a maioria são mulheres, a idade média é de 22 anos, a maioria são solteiras, sem filhos. Quando casados a maioria têm filhos. Cerca de 34,79% não moram na cidade sede da universidade, necessitando da universidade auxílio moradia e outros auxílios, como alimentação.

Quanto aos fluxos migratórios as regiões: norte, nordeste e centro-oeste apresentam menos fluxos migratórios, sendo as regiões sul e sudeste apresentam maior fluxo migratório, os primeiros em torno de 36,45 % e os últimos 40,71%. Mas observa-se que 65,21% dos alunos não mudaram o domicílio.

A pesquisa referente ao perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior mostra que ocorreu uma redução significativa no índice de estudantes que trabalham enquanto estudam. De 42% que trabalhavam em 1997, o percentual caiu para 35% em 2004. Considerando-se que a maioria 78% são jovens na faixa de até 25 anos. Dos que trabalham quase que 50% deles situam-se nas classes C, D e E. Por ser a maioria alunos autodeclarados brancos, mas com aumento da presença de autodeclarados pretos e pardos nas classes econômicas C, D e E, os quais reforça a vinculação entre a pobreza e etnia. A maioria não exerce atividade acadêmica remunerada, somente 19,1% dos estudantes exerce atividade remunerada. A classe econômica A é aquela que está mais envolvida nessas atividades vinculadas a Universidade, cerca de 22,2%. Ainda referente a essas classes, os seus 69% utilizam com mais frequência o transporte coletivo, 55,4 % se servem da Rede Pública de Saúde.

Quanto ao nível de conhecimento em Informática a maior parte dos estudantes tem experiência em Informática, 43,9%, outros 38,2% tem alguma noção de Informática e 4,7% não têm domínio de computador. Os estudantes de classe A se destacam dentre aqueles que possuem muita experiência na utilização de computador com 20,6%. Os estudantes das classes econômicas C, D e E têm alguma noção de Informática 44,6%.

Quanto a leitura de livros 62,4% dos estudantes lêem até 6 livros em média ao ano, 5% não leram nenhum livro durante o ano e 18,7% dos estudantes leu 10 ou mais livros no último ano. Os 34% dos estudantes de Graduação participam frequentemente ou sempre de atividades físicas e/ou esportivas, 24,8% participam de movimentos

religiosos e apenas 7% participam de movimento estudantil : CA, DA, DCE, sendo que somente 5,1% participam de atividades político-partidárias. A participação em atividade científicas culturais, sociais, políticas, religiosas acontecem etc.

Quanto a fluência em línguas, cerca de 30,2% dos estudantes de Graduação das IFES consideram que tem um bom domínio da língua inglesa em relação à língua espanhola cujo percentual para esta é de 10,2%. Sendo apenas 2,7% consideram que tem um bom domínio da língua francesa.

Segundo os estudos a maioria dos aprovados da Universidade de Brasília não trabalham, cujas rendas percebiam de mais de 30 salários mínimos, quanto a escolaridade das mães a maioria tinham nível superior 58% e os pais 53%.

Já a região nordeste apresenta menor desempenho escolar e maior diferença entre as duas redes de ensino. E quanto maior a permanência do aluno no ambiente escolar, maior seu tempo em relação as rotinas, valores e regras, favorecendo o aprendizado e a aquisição de hábitos, tanto de estudo como também de posturas, contribuindo para maximizar o desempenho escolar (BRANDÃO; CANEDO; XAVIER, 2012).

Como tem sido mostrado em estudos sociológicos que a herança familiar e cultural tem um grande força na trajetória escolar dos sujeitos, em se tratando aqui desta temática, que por mais que acredite que as possibilidades de mobilidade social pela Educação nas Universidades e por que não nas Escolas e que todas essas Instituições contribuem muito mais para a preservação do que propriamente para a ascensão dos grupos menos favorecidos economicamente e culturalmente, sendo assim, Bourdieu (1964 apud AQUINO; REGO, 2014) nos diz que, o Sistema Escolar legitima as desigualdades sociais e aceita a herança cultural e o dom como aptidões naturais (SATO, 2012).

2.7-POSSÍVEIS CARACTERÍSTICAS CULTURAIS A SEREM OBSERVADAS/ OBSERVADAS NOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA DA UNB

Os estudos aqui referidos, constituiu-se de uma breve aplicação do questionário que se encontra apenso a este trabalho (APÊNDICE A), visando provocar pesquisas no que se refere ao aspecto cultural dos alunos do Curso de Pedagogia da UnB. Serviu apenas de demonstrativos. Os dados foram processados a partir de usos de planilhas do Microsoft Excell 2007.

Foram aplicados o questionário a sete alunos do Curso de Pedagogia da UnB, contemplou alunos regulares e alunos recém-formados. Demonstrando, apesar de infimamente insignificante por ter sido um mecanismo apenas ilustrativo; que dos 7 alunos pesquisados 5 irão para o mercado de trabalho, sendo que somente 3 alunos, se habilitarão a Pósgraduação, sendo que um dos alunos irá cursar outra Graduação. A maior parte dos sete alunos pesquisados acreditam que a diferença dos discentes é a classe cultural, 2 dos alunos acham que a diferença é pela classe política e para 1 deles a diferença é pela classe econômicosocial, 1 deles acha que não existem diferenças. De todos os sete alunos pesquisados apenas uma aluna tem pai com Ensino Superior.

O estudo com os 7 alunos mostrou que 3 deles disseram que suas escolhas foram motivadas pela identificação com o curso de Pedagogia, 2 deles houve influência familiar em suas escolhas, 1 apontou a escolha por falta de opção por outro curso, 1 aluno escolheu o curso porque dava para passar na seleção.

Para fazer considerações a estes aspectos precisaria de um estudo mais pormenorizado. Este estudo não demonstrou a motivação, a escolha pelo Curso de Pedagogia, não inferiu, nem fez considerações a este aspecto e a tantos outros. Frizando que, poderia acrescentar ao questionário deste estudo, a pergunta se esses pesquisados tiveram vontade de mudar a opção depois do ingresso no curso. Ou futuras questões que pudessem surgir.

Contribuem com a renda familiar, 4 alunos, os outros 3 alunos não contribuem, o

grupo de 4 alunos diz que a renda de suas famílias estão na faixa de 1 a 3 salários mínimos e 3 deles a renda de suas famílias se concentram entre 3 a 6 salários mínimos. A classe declarada por 6 alunos é a classe popular, somente 1 dos sete alunos considera-se da classe média.

Seis alunos acreditam que a área que poderia dar um bom suporte ao curso de Pedagogia seria a Música, as Áreas Plásticas representa a opinião de apenas 1 dos alunos, as Artes Cênicas daria uma maior suporte de acordo com 1 aluno também, a Educação Física não teria, segundo os pesquisados, nada a contribuir.

Neste estudo foi constatado que os alunos pesquisados lêem em média aproximada 5 livros ao ano, sendo que 3 entre os 7 alunos dizem que não têm hábito de leitura, dos alunos pesquisados 3 lêem livros relacionados ao curso de Pedagogia, 2 lêem livros de Ficção, 1 ler Romances e 1 deles ler livros de Ação.

Quando a questão se refere ao conhecimento em Línguas Estrangeiras 1 diz ter conhecimentos excelentes, 1 conhecimentos bom e três alunos possuem Conhecimentos Regulares.

O ambiente cultural mais frequentado é o cinema, 3 alunos; mensal, 2 alunos e anual, 2 alunos. Teatro semanal, nenhum aluno; mensal nenhum aluno; anual 4 alunos. Exposições semanal, nenhum aluno; exposição mensal, 1 aluno; exposição anual 3 alunos.

Segundo os alunos os conhecimentos relacionados a tecnologias contribuem para o exercício profissional de 6 alunos e 1 diz que não contribuem para o exercício profissional. Sendo que 4 alunos acreditam que precisariam de mais conhecimento em tecnologias para um melhor desempenho acadêmico. Todos os alunos, os sete, usam a Rede Mundial de Computadores (Internet) para se informar.

As perguntas subjetivas que os entrevistados responderam, um deles elencou a família como a grande influenciadora na escolha do curso, porque o pai trabalhava na área de educação e ele e os irmãos fizeram as mesmas escolhas. Ele acredita que existe um limiar que separa os cursos da UnB, alguns cursos precisam de um gasto econômico maior sendo eles destinados a elite, para ele a classe cultural não significa um padrão a ser percebido; questionado; mas há um misticismo entre os cursos, algo simbólico. A grande parte dos entrevistados não se sentiram desvalorizados pela

Universidade, disseram que ela proporcionou-lhes auxílios como bolsas e auxílios alimentação etc. Acreditam no padrão da Universidade, em ser o melhor. Falam também da contribuição que puderam dar a Universidade e a sociedade, dos ótimos professores que ela têm, mas do distanciamento deles em relação aos discentes, a pouca abertura para expor suas ideias, que tinham que ter atitudes para conquistá-los, falaram ainda do conflito com a didática dos professores apesar de excelentes, prestativo e outros distantes.

Uma das entrevistadas escolheu o curso porque acreditava ser possível a conquista do Ensino Superior por meio do Curso de Pedagogia, a família não influenciou na sua escolha. Respondeu que o curso era desvalorizado no passado que atualmente a mídia (por meio da internet) contribuiu para tornar o olhar diferenciado do curso, houve uma integração maior entre os alunos. Já se sentiu desvalorizada pela Universidade.

Com essas respostas dos alunos, fale salientar que o número de entrevistados foi pequeno para que se pudesse inferir, expor algumas considerações sobre os alunos do curso de Pedagogia da UnB, portanto, serve de incentivo para se projetar e tecer trabalhos mais elaborados no futuro, sobre o tema, de modo que contribua com a Faculdade de maneira ampla, para melhorar ainda mais sua excelência, como transformar/formar cidadãos para formar/transformar cidadãos, ou muito mais.

3-CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu experimentar o sabor da pesquisa enquanto graduanda, iniciou mesmo que de forma singela a experimentação, ele apenas serviu de um meio para começar a pensar nas diversas vertentes que compõem o exterior da Escola influenciando sorrateiramente em todo seu interior, pois pensar num ambiente sem influência externas seria mais que absurdamente descartar todo aprendizado exterior da vida humana, como se todos os outros não tivessem relevância, sobrepondo o valor da Academia, construção recente da humanidade se comparada com a gama de conhecimento construído e os que não de vir.

Da Escola não é tirado o dever e o direito de suas responsabilidades, o seu ambiente interior não pode por desculpas renegar aquilo que a convêm, como: criar, promover um ambiente promissor, de transformação e luta para aqueles que a utilizam como uma esperança de uma melhor vida futura e também como meio de crescimento humano, de incentivo a mudanças para a sociedade e para seus membros. Por isso, que ela deve reconhecer a realidade que a envolve e trabalhar com políticas que promova conscientizações e mudanças para melhor pensar a equalização das diferenças, sem concepções utópicas, ou irreais, mas que pelo menos não incentive a reprodução, como mencionou Bourdieu em sua obra que: “O Sistema Escolar não vai igualar as oportunidades ou dar cultura a todos, mas pode, no entanto, não reforçar a desigualdade”. A Reprodução (BOURDIEU,1970 apud CATANI, 2014)

O pouco acesso as obras originais se deu primeiro pela complexidade do tema, em segundo lugar pela momento da Universidade Ocupada pelos estudantes, greves de servidores consequentemente a dificuldade de acesso à Biblioteca Central, a disponibilidade dos alunos para responderem ao questionário aqui referido.

Este estudo não induziu a considerações, devido a pequena participação do grupo dos sete alunos, no entanto, permitiu repensar a influência do capital cultural não somente no Ensino Superior, mas em todos os níveis do ensino. Tenho agora como Pedagoga um “olhar” voltado para mais um fator importante na constituição do

indivíduo, não desconsiderando a importância dos demais, as voltadas para as possibilidades econômico-sociais, as cognitivas, a formação da personalidade dos indivíduos e todas as demais. As individuais para Bourdieu seriam colocadas em segundo plano, devido seu estudo se ater ao aspecto macrossocial, devido as classes para ele se manterem no mesmo lugar que onde vieram.

As dificuldades da ascensão ou de queda de poder e de classe seriam reforçadas pelas dificuldades de se perceber “herdeiros” e pelas dificuldades de não perceber a elite como a detentora de poder e privilégios herdados. No entanto, não reconhecer o “lugar social” seria não perceber as leis da reprodução e para todos os que não a reconhecem ou seriam desconhecedores ou veladores de tais realidades.

Os estudos retirados do ENADE 2008 e 2011, se fizeram perceber realidades acometidas as classes populares. Enfretamento de barreiras para se adequar a Universidade, de modo, a aquisição do tão sonhado êxito. É possível talvez, ousar, estudos futuros, pensar nas Universidades Públicas após o REUNI, acesso maior, procura pelo Curso de Pedagogia pelos estudantes de Escolas Públicas declarados pretos e pardos. Pelo aumento da renda das famílias dos concluintes em 2011 em comparação aos concluintes de 2008. Bourdieu nos alertou que nem sempre capital econômico seria revestido em capital cultural. Também pelo fato de ter diminuído o nível de escolaridade dos pais dos alunos do Curso de Pedagogia.

Por isso, este estudo, provoca o pensar! O planejar novos estudos sobre o assunto.

PARTE III-PERSPECTIVAS FUTURAS

Acredito que a minha formação irá contribuir para a Sociedade, lutarei para ser uma excelente profissional capaz de contribuir com as aspirações e demandas sociais, para isso pretendo construir uma formação continuada, consciente da luta e respeito pela profissão e pelo seu merecimento. Ser parte de acréscimos a Sociedade e sentir satisfeita a cada jornada realizada do dever cumprido, mais numa constante busca pelo melhor a cada dia.

Os valores que possuo serão positivos para a Sociedade. A honestidade, a ética, a moralidade e demais princípios necessários ao cidadão e profissional, os cultivarei e farão parte das minhas ações. Diante de uma luta para que o conhecimento chegue aos alunos e a Sociedade o mais atualizado possível, pela ciência da necessidade de promover o melhor a eles. A concretização dessa sólida formação foi proporcionada pela oportunidade e necessidade de passar pela sala de aula, foi um sentimento construído durante o curso, pois não teria sentido, não ser habilitada por este incomensurável espaço de crescimento e prática. Se não tivesse tido oportunidade de experimentá-lo, vivenciá-lo não teria o “Espírito Pedagógico” inscrito na minha formação, pois a sala de aula, nos oferece um ambiente real. De uma prática infinitamente importante que nos orgulha a cada dia pela qualidade com que a Universidade de Brasília e seus meios nos proporcionam.

No entanto, o tempo que tive oportunidade de estar em sala de aula e agora Pedagoga, sinto a Escola como um ambiente pró-mudanças, me identifico com os alunos; com o ambiente escolar, tinha o olhar do aluno, agora minha perspectiva se voltou a perspectiva observadora e ativa também. Vejo em cada estudante um ser em crescimento, me vejo também!. As experiências boas que vivi no passado como aluna e como agora Pedagoga servem de instrumentos para pensar no Ensino, na Escola, que promova o crescimento amplo e individual do alunos, que os respeitem; seja um ambiente promissor de trabalho para mim e para meus colegas. O meu conhecimento e minhas qualidades possam contribuir com todos para sentirem a Escola como parte

deles principalmente os alunos, que sintam-se acolhidos das mais diversas formas, as experiências futuras acrescentem principalmente em mim sabedorias e discernimento. Hoje sinto que as experiências ruins que vivi transformei em instrumentos de luta para que não se repitam os erros! E se eles acontecerem serei ciente da luta para transformá-los em sabedoria e incentivo a mudanças. Serei diferente! A diferença que tenha qualidade, que eu não seja mais uma Pedagoga Diplomada, mas que o diferencial que me constituiu seja o diferencial que a Sociedade busca. As parcerias de hoje e de amanhã não seja uma qualquer, mais que tenha significado em existir e que as ações realizadas proporcionem o crescimento individual e da Sociedade de forma ampla, contribuindo e transformando seus alunos e profissionais, para que sejam também pessoas que levem adiante ações transformadoras, que se propaguem, que promovam mudanças ao alcance de um melhor ensino, que conduza a Sociedade para ser uma Sociedade melhor, com mais justiça e não seja reprodutora das mazelas sociais que têm pintado de cinza a Sociedade Brasileira, o Mundo! Não serei um instrumento que incentive a reprodução das desigualdades sociais, como essa minha perspectiva, com esse olhar, o meu foco se voltará para se estabelecerem processos para que os seres humanos sejam tratados de acordo com suas diferenças, sejam elas econômicas, sociais, políticas, culturais, simbólicas e de todas que possam surgir, independentes de suas posições sociais, classes, crenças e de toda sua constituição. Sozinha não mudarei o Brasil e nem o Mundo, mas a semente que tenho poderá germinar e se espalhar! Tenho ciência da minha importância e de ser um instrumento de luta e ação para fazer um Mundo melhor!

APÊNDICE- A

Este questionário é parte do trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade de Brasília. Esta prática assegura a todos os colaboradores que participarem, o sigilo de todas as informações coletadas .

QUESTIONÁRIO

1-Por que você escolheu cursar Pedagogia?

1.1-Falta de Opção

1.2-Identificação com o curso

1.3-Porque dava pra passar no vestibular/PAS/ENEM

1.4-Influência Familiar

1.5-Outro

Resposta ()

2- Qual semestre que você cursando?

1-Semestre

Resposta ()

2- Se Formado ,Marque aqui ()

3-Quais são as suas perspectivas pós-formação?

() Mercado de Trabalho

() Mercado de Trabalho Fora da Área

() Pósgraduação

() Outra Graduação.

4- Você acredita que a cultura familiar influenciou na escolha do curso, na sua vida acadêmica?

1- Sim

2- Não

Resposta ()

Em quais aspectos? -----

5-Como você enxerga os outros Cursos da UnB, você acredita que existem Cursos frequentados por classes econômicas, sociais e culturais diferentes?

1-Sim

2- Não

Resposta ()

6-No curso de Pedagogia, o que tem mais peso na Comunidade Discente é:

() Classe Econômico-social

() Classe política

() Classe Cultural

7-Quais ambiente você frequenta?

() Cinema :

1-Semanal (); 2-Mensal (); 3-Anual ()

() Teatro:

1- Semanal (), 2-Mensal (), 3-Anual ();

()Exposições:

1- Semanal (), 2-Mensal (), 3-Anual ();

() Outros Ambientes:

1- Semanal (), 2- Mensal (), 3- Anual ()

() Não frequento nenhum ambiente fora a UnB.

8-Você ler frequentemente?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

8.1 Quantos livros ler por ano? -----

8.2 Quais categorias de livros que mais ler?

1- Livros relacionados ao curso de Pedagogia

2- Ficção

3- Romance

4-Ação

5-Outro

Resposta ()

9- Qual o instrumento que utiliza mais para se informar?

1-Jornais impressos; 2- livros; 3- revistas; 4-Internet ; 5- telejornais ; 6- Não utiliza nenhum meio para obter informação.

Resposta ()

10- Qual seu conhecimento em línguas estrangeiras?

1-excelente; 2-bom ; 3-regular ; 4- Nenhum.

Resposta ()

11- O conhecimento em tecnologias que você possui é suficiente para contribuir no seu desempenho acadêmico?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

12- Na sua profissão?

1-Sim

2- Não

Resposta ()

13-Você trabalha e/ou contribui para a renda familiar?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

14- Como você considera a organização de sua família?

1-Monoparental

2-Biparental

3-Outra

Resposta ()

15- Você ou sua família frequenta alguma cerimônia ou culto religioso?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

16- Você tem quantos irmãos?

()Um ()Dois () Três () Mais que 3.

17- Para você, quais as disciplinas importantes que fazem falta no currículo atual do Curso de Pedagogia, quais áreas do conhecimento estariam atreladas a uma boa formação?

1-Música); 2- Artes Plásticas ; 3- Artes Cênicas; 4- Educação Física

Resposta ()

19- Você pratica ou gosta de algum esporte?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

20- Você acredita que poderia contribuir ou ter contribuído com algo que dependesse somente de vc para uma melhor formação?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

Qual aspecto?-----

21- Você se sente valorizado pela Universidade?

1-Sim

2-Não

Resposta ()

Em que ?-----

22- Qual a sua opinião em relação aos seus professores? Positivas?

1-Sim ,

2-Não

Resposta ()

Em quais aspectos? -----

23- Qual a profissão de seus pais? -----

24- Qual o nível de escolaridade de seus pais?

() Não Alfabetizado

() Nível fundamental incompleto

() Nível Fundamental

() Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio

() Ensino Superior Incompleto

- Ensino Superior
- Pósgraduação Latu Sensu
- Mestrado
- Doutorado
- Pós-doutorado

25- Qual a renda da sua família?

- De 1 a 3 salários mínimos
- De 3 a 6 salários mínimos
- De 6 a 10 salários mínimos
- Mais de 10 salários mínimos

26- Como vc considera seu nível sócio-econômico:

- Classe Alta
- Classe Popular
- Classe Média Alta
- Classe Média

27- Você se considera:

a-Pardo

b-Amarelo

c-Preto

d-Branco

e-Indígena

Resposta ()

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANACHE, Alexandra Ayach. **A epistemologia Quatitativa**: Contribuições Para a Pesquisa em Educação Especial. Revista do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação. UFMS. 2009. Disponível em: <<http://www.intermeio.ufms.br>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

AQUINO, Julio Groppa; REGO, Teresa Cristina. **A Escola e a Miséria do Mundo**: Bourdieu Pensa a Educação. São Paulo. Editora Segmento., 2014. E-book.

BOURDIEU, Pierre,. **O campo Econômico**.. Revista Política e Sociedade. 2005. Disponível em: < <http://www.periódicos.ufsc.br>. Acesso em: 24 ago. 2016.

BOURDIEU, Pierre. PASSERON, Jean- Claude. **A Reprodução**: Elementos Para Uma Teoria do Sistema de Ensino. Editora Vozes, 2008. 280 p.

BRZEZINSKI, Iria. **LDB Dez Anos Depois**: Reinterpretação Sob Diversos Olhares. 3ª Edição. Cortez Editora.

CAPRARA, Bernado Mattes. **A Influência do Capital Cultural no Desenvolvimento Estudantil**: Reflexões a partir do SAEB 2003. 2013. 137 f. Dissertação. Programa de Pósgraduação da Faculdade de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRS, Porto Alegre. 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br>>Acesso em: 01 set. 2016.

COSTA, Cláudia Rosana de Araújo Costa. NOGUEIRA, Jorge Madeira. **Ensino Superior**: instrumento de mobilidade econômica? Lições da Experiência de Alternativas de Acesso da UnB. Revista Gestão Universitária na América Latina- GU AL.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira. **Representação de Escola e Trajetória Escolar**. Revista Psicologia USP. 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

CUPOLILLO, Mercedes Villa; FREITAS DE, Ana Beatriz Machado. **A Produção do Fracasso escolar**. Diferença: Condição Básica para a Constituição do Sujeito. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

CURY, Carlos Roberto Jamil; FERREIRA, Luiz Antonio Miguel. **Obrigatoriedade da Educação das Crianças e Adolescentes**: Uma Questão de Oferta ou de Efetivo Atendimento? Jan/dez 2010. Disponível em: <http://www.revista.fct.unesp.br>. Acesso em: 30 set. 2016.

Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. ENADE 2011. Relatório de IES. Universidade de Brasília. 2011. Disponível em: <http://www.portal.inep.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2016.

Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. ENADE 2014. Relatório de IES. Universidade de Brasília. 2014. Disponível em: <http://www.portal.inep.gov.br>. Acesso em: 05 jan. 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: O dicionário da língua portuguesa. Coordenação Maria Baird Ferreira. 8ª ed. rev. atual-Curitiba. Positivo. 960 p.

FERREIRA, Marcos Felipe. **O curso de Pedagogia**: perfil de ingresso, inserção profissional e promoção social. 2014. 158 p. Dissertação. Programa de Pósgraduação em Educação- Universidade de Brasília – UnB, Brasília.

FIALE, Luciana Amaral. **Fracasso Escolar**: Família, Escola e a Contribuição da Psicopedagogia. Disponível em: <<http://www.unifai.edu.br>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

LANÇA, Luã Augusto da Silva. **Pierre Bourdieu e o Capital Cultural**: Breve Análise Estatística Sobre a Educação Brasileira no Século XX. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia da PUC Minas Gerais. 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.pucminas.br>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

LARAIA, Roque de Barros. **Um Conceito Antropológico**. Rio de Janeiro, RJ. Editor Jorge Zahar, 1999. P. 7-115.

LEVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**; tradução Mariano Ferreira. Editora Vozes e Editora São Paulo da Universidade de São Paulo. São Paulo 1976.

LIMA, Denise Maria de Oliveira. **Campo de poder, Segundo Pierre Bourdieu**. Periódicos Eletrônicos em Psicologia – PEPSIC. 2010. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvsalud.org>>. Acesso em: 07 fev. 2016.

LOPES, Carlos Alberto. **“Professor, quero ser oprimida!”** Situação- limite e atos-limites no hábitus professoral. Brasília, DF, 2012. Disponível em: < <http://www.scielo.br>>. Acesso em: 01 set. 2016.

LUBAMBO, Tiago. **Educação Básica no Brasil Cai em Ranking Internacional**. Revista Veja, 2016. Disponível em: <<http://www.veja.com>>. Acesso em 03 dez. 2016.

MARCHESI, A. et al. **Fracasso Escolar**: Uma perspectiva Multicultural. Porto Alegre: Artmed, 2004, 244 p.

MARIN, Junqueira Alda. **A Produção da Desigualdade na Escolarização**: aspectos da vida contemporânea e o trabalho pedagógico. Porto Alegre, RS, jan/abr. 2004. Disponível em: <http://www.revistaseletronicas.pucrs.br>. Acesso em: 25 set. 2016.

MARQUES ,Cláudio; Nogueira, Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. **A Sociologia da**

Educação de Pierre Bourdieu: Limites e Contribuições. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 78, abril/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

MARTUCCELI, Danilo. **A Sociologia da Experiência Escolar: Atores, Imaginários.** Disponível em: <<http://www.midia.atp.usp.br>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich..**O Capital: Crítica da Economia Política.** Livro 1: O Processo de Produção do Capital. Tradução (Rubens Enderle). Editora Boi Tempo. 2013. 878 p.

MENDES, Igor Adolfo Assaf Mendes. **Trajetórias Educacionais, Capital Cultural e Herança Familiar.** 2012. 92 f. Dissertação. Programa de Pósgraduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, UFMG, Belo Horizonte.

MEZZOMO, José Ricardo. **Herança Cultural e Trabalho Pedagógico Familiar: estudo a partir de rendimento escolar elevado.** Campinas, São Paulo, nov. 2008. Disponível em: <<http://www.periodicos.puc-campinas.edu.br>>. Acesso em: 25 set. 2016.

NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. (Orgs.) (1998). Pierre Bourdieu. **As Categorias do Juízo Professoral.** Escritos de Educação. Petropolis: Vozes. 2007. 128p.

NOGUEIRA, Maria Alice. **Favorecimento Econômico e Excelência Escolar.** Disponível em : <<http://www.26reuniao.anped.org.br>>.Acesso em: 10 março de 2016.

PATTO, Maria Helena Souza. **Psicologia e Ideologia: O Preconceito Racial.** Revista da USP. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br>>. Acesso em: 24 ago. 2016.

Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras. Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis (FONAPRACE). Brasília, 2011. Disponível em: <

<http://www.uftm.edu.br>>. Acesso em: 01 set. 2016.

PIAGET, Jean. **Desenvolvimento e Aprendizagem**. Disponível em: <<http://www.revistaescola.abril.com>>. Acesso em: 08 jun. 2015.

PIMENTA, Alexandre Marinho; LOPES, Carlos. **Hábitus Professoral na Sala de Aula Virtual**: Revista Educação e Revista. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso 20 jul. 2016.

PORTELLA, Fabiani Ortiz. FRANCESCHINI, Ingrid Schröder. **Família e Aprendizagem**: Uma Relação Necessária. Editora Wak. 3ª edição. Rio de Janeiro 2011.

SAMPAIO, Simaia. **Dificuldades de Aprendizagem: A Psicopedagogia na relação sujeito, família e escola**. Editora Wak, 3. Ed. 2011. 144 p.

SARAIVA, Ivan. **Esperança Viva**. Tatuí, São Paulo, SP: casa publicadora brasileira, 2016. Disponível em: <<http://www.livro.esperanca.com.br>>. Acesso em 24 nov. 2016.

SATO, Silvana Rodrigues de Souza. **O Papel da Herança Familiar na Seleção Escolar**: O Caso do Concurso Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina do ano de 2010. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, IX ANPED SUL 2012. UFSC, 2012. Disponível em: <<http://www.portalanpedsul.com.br>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

SERRANO, Justymara Fernanda dos Santos; STRANG, Bernardete de Lourdes Streisky. **O capital cultural de Estudantes Universitários Determina sua Competência Informacional?**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia da PUC Rio. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://educacaoonline.edu.puc-rio.br>>. Acesso em 23 mai. 2016.

SILVA, Marilda da. **Hábitus Professoral e Hábitus Estudantil**: uma proposição a cerca da formação de professores. Belo Horizonte, BH. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em: 01 set. 2016.

SOUZA, Beatriz de Paula. **Orientação a Queixa Escolar**: Considerando a Dimensão Social. Revista Psicologia: Ciência e Profissão. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 23 ago. 2016.

VELLOSO, Jacques. **Curso e Concurso**: rendimento na universidade e desempenho em um vestibular com cotas da UnB NESUB & FE/UnB, jul. 2016. Disponível em: <http://www.observa.ifcs.urfj.br>. Acesso em: 01 set. 2016.

VERAS, Maura Pardini Bicudo. **Introdução a Sociologia: Marx, Durkheim e Weber**. São Paulo, 2014: editora Paulus. E-BOOK.

VIEIRA, André Guirland. **A função da história e da cultura na obra de C. G Jung**. Disponível em: <<http://www.pepsic.bvsalud.org>>. Acesso: dez. 2016.